

Cordel que deixou Rede Globo e Pedro Bial indignados



Antonio Barreto nasceu nas caatingas do sertão baiano, Santa Bárbara/Bahia-Brasil. Professor, poeta e cordelista. Amante da cultura popular, dos livros, da natureza, da poesia e das pessoas que vieram ao Planeta Azul para evoluir espiritualmente.

Graduado em Letras Vernáculas e pós graduado em Psicopedagogia e Literatura Brasileira.

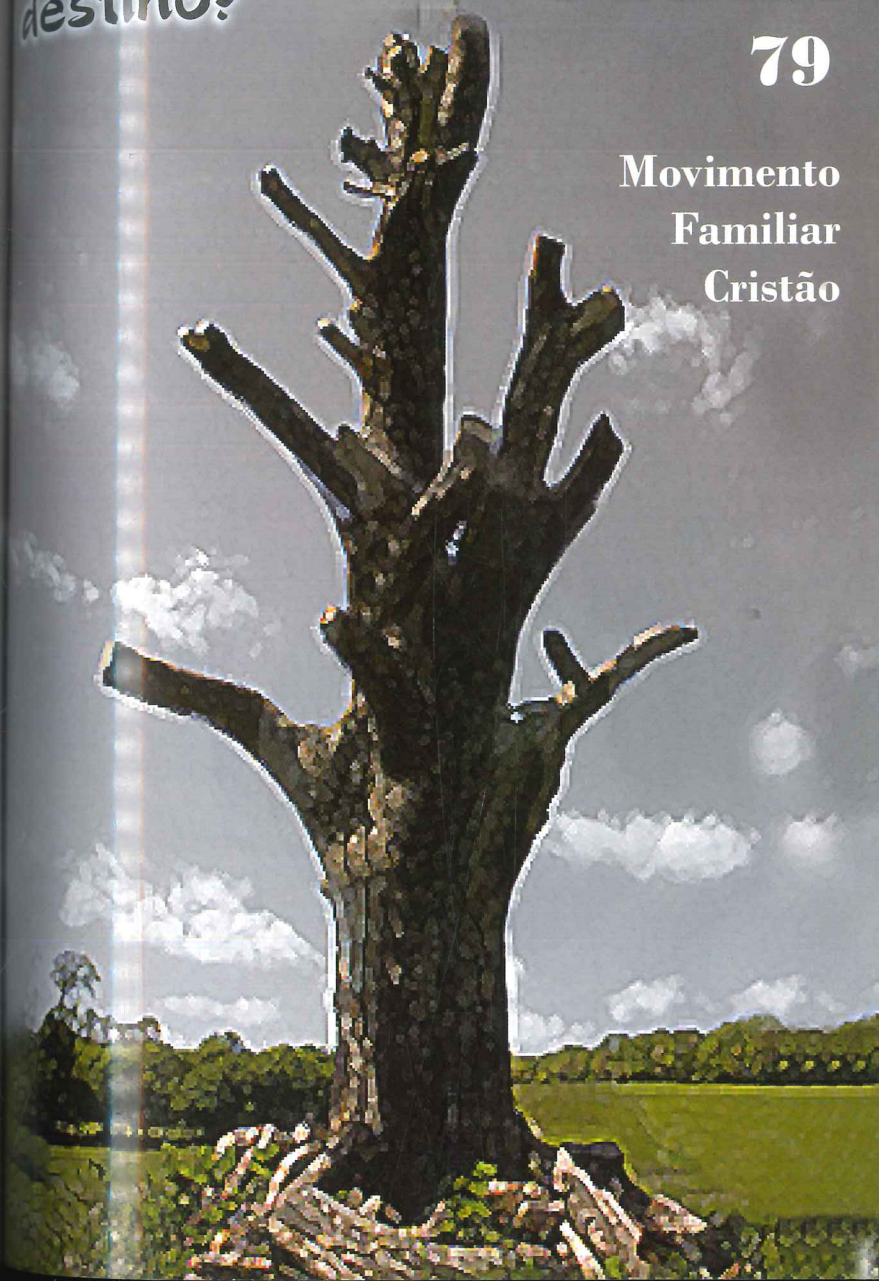
Seu terceiro livro de poemas, Flores de Umburana, foi publicado em dezembro de 2006 pelo Selo Letras da Bahia.

Vários trabalhos em jornais, revistas e antologias, tendo publicado aproximadamente 100 folhetos de cordel abordando temas ligados à Educação, problemas sociais, futebol, humor e pesquisa, além de vários títulos ainda inéditos.

Gerá este
nosso
destino?

fato e razão 79

Movimento
Familiar
Cristão



CONVERSA COM OS LEITORES

Com prazer lhes entregamos a edição 79 de nossa Revista, sempre com temas diversificados de respeitados autores.

Como se aproximam as eleições municipais, julgamos recomendável dar especial ênfase a textos relacionados com a prática democrática e de cidadania.

É ponto pacífico que não alcançaremos a decantada democracia senão através da participação consciente e responsável dos eleitores.

Com justificado orgulho e entusiasmo destacamos a iniciativa da Coordenação do Estado de Minas Gerais que viu acolhida pelas demais Coordenações Estaduais da Regional Sudeste sua proposta de considerar a revista como Temário Básico Oficial para suas equipes-base.

Isso implica que cada equipe-base deverá dispor de pelo menos um exemplar de cada número para consultas e análises reflexivas, reforçando substancialmente nossa campanha "Nenhum mefeciasta sem a revista".

No encontro que adotou a mencionada decisão foi sugerido que a revista publique temários próprios para reuniões e não deixe de acrescentar, aos textos em que couber, questões para reflexão.

Que todos tenham uma agradável e proveitosa leitura.

Os Editores.

Julho
2012

79 fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Diretor Nacional

José Freitas
Eduardo Lange Filho
Aparecida e Moisés Teixeira de Oliveira
Fatima e James Magalhães de Medeiros
Alzenir Barroso Lopes

Redação

João Borges
David Bonfatti
Miguel do Nascimento Ulysses
Carmo Freitas Schmitz
José Mauricio Guedes
Carlos Torres Martins
Helio Amorim
Oscavo Homem de C. Campos
Santa Helena, 68
13020 Juiz de Fora-MG
interacao@gmail.com

Editora Fato e Razão

Assinaturas

do MFC

de Publicações MFC

Santa Helena, 68

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

13020 Juiz de Fora-MG

Sinais do Reino _____ 5
Helio Amorim

A crise global e as religiões _____ 8
Egon Dionísio Heck

A liberdade _____ 12
Jorge Leão

A Palavra Sincera _____ 14

As empresas, a corrupção e a democracia _____ 16

Código Florestal e pedido de Referendo
Popular _____ 18

Comentando o 'Manifesto contra a
Corrupção e a favor da Vida' _____ 20

Criança precisa ser criança _____ 24

A família pós-moderna estará
abandonando os pais idosos? _____ 27

Democracia e representação Política _____ 30
Alino Lorenzon

Dom Odilo e o Aborto dos Anecefálicos _____ 33

Eleições e Cidadania _____ 37
Helena Motta Salles

Gentileza, um hábito saudável _____ 40

O desafio da humanização _____ 42

O que isso tem a ver com a Evangelização? _____ 45
José Lisboa Moreira de Oliveira

O real motivo do trabalho _____ 49

Os ensinamentos do Dr. Içami Tiba _____ 51

Procura-se um bom pastor _____ 54
Carlo Tursi

Teologia que Interessa ao mundo _____ 57

Corporativismo Judicial _____ 59

Corpus Christi: Momento para
repensar o mistério da Eucaristia _____ 63

João Batista Lopes
João Ricardo dos Reis Lopes

Diagramação
Nogueira - amarartesvisuais@gmail.com

restrita sem fins comerciais

Audiovisuais em DVD

O MFC e o Instituto da Família - INFA - oferecem programas em DVD.
Em cada DVD, vários programas de 15 minutos

"Bate-papos" provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados:

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e TVs comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos

Para encomendar:
Livraria MFC
(32)3214-2952
de 13:00 as 16:30
livraria.mfc@gmail.com



MFC
Movimento Familiar Cristão
infa - Instituto da Família
PROGRAMAS BATE-PAPO

DVD 1

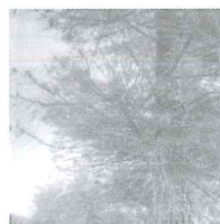
- "Drogas: dependência e recuperação"
- "Drogas: mitos e preconceitos"
- "Violência na família"
- "Família na escola"
- "Diálogo & diálogo"
- "Violência e insegurança"
- "Separação e divórcio"



MFC
Movimento Familiar Cristão
infa - Instituto da Família
PROGRAMAS BATE-PAPO

DVD 2

- "Drogas desafio para o educador"
- "Drogas: da negação à onipotência"
- "Crianças agressivas"
- "Aprendizagem bloqueada"
- "Motricidade oral"
- "A família moderna"
- "Sexualidade"



MFC
Movimento Familiar Cristão
infa - Instituto da Família
PROGRAMAS BATE-PAPO

DVD 3

- "Violência urbana"
- "Insegurança e medo"
- "Idade e maturidade"
- "Ética - princípios que regem as relações humanas"
- "Ética na política"
- "Auto-estima sem narcisismo"
- "Casamento rompido"
- "Relacionamento conjugal e familiar"
- "Identidade e auto-realização"

Este é um tempo de surpresas animadoras. Em poucas semanas acontecem novos sinais de um país melhor. Todos os sinais de mais justiça, solidariedade e humanização são sinais do Reino

Sinais do Reino

Helio Amorim

O primeiro a destacar veio do STF: aprovada a reserva de vagas nas universidades do governo para matrícula de pretos e pardos, com dez votos a favor e um único contrário. O ministro Marco Aurélio de Melo considerou inconstitucional esse reconhecimento com base na cor da pele. Na verdade é um reconhecimento tardio e ainda insuficiente de injustiça histórica a reparar. Por um mecanismo de reprodução social perverso, pobres e ricos têm descendências imersas nas suas respectivas classes socioeconômicas, com possibilidades limitadas de ascensão ou queda por razões óbvias. O filho das classes privilegiadas nasce com cuidados de saúde e alimentação, logo terão oportunidades de educação de qualidade desde a primeira infância, não serão obrigados a lutar desde os seis anos pela sobrevivência econômica da família vendendo balas nos pontos de trânsito com prejuízo invariável da frequência escolar.

Ocorre que predominam nas classes mais pobres, famílias herdeiras do crime hediondo da es-



cravidão. Seus antepassados foram sequestrados de sua terra e cultura, transportados como animais, deixando mortos na travessia atlântica e vendidos os sobreviventes aos donos de terra como escravos, marcados como gado pelos seus proprietários. A libertação desse jugo infame foi adiada por dois séculos. Finalmente tornam-se cidadãos de classe muito pobre entregues à própria sorte numa sociedade com predomínio absoluto de brancos.

Prossegue a reprodução social, pobres gerando pobres numa ciranda social malvada a ser rompi-

da por intervenções corajosas que vêm sendo praticadas ainda timidamente pelos governos. Aqui se insere agora a questão das cotas nas universidades. Mas falta muito para que essa reprodução social seja totalmente superada. Pretos e pardos são minoria nas atividades profissionais mais valorizadas no mercado de trabalho e predominam em precários aglomerados habitacionais.

O IBGE acaba de divulgar números do Censo de 2010. Cidadãos de cor só ganham mais que os brancos em 4% das 438 profissões pesquisadas. Políticas de promoção e igualdade social devem ser mais ousadas, enfrentando purismos constitucionais duvidosos do ministro do contra.

Outra conquista estimulante vem da área política. O senador Demóstenes foi desmascarado de seu desempenho de falso paladi-



no da moralidade nacional. Por acaso. O investigado pela Polícia Federal era o capo de uma quadrilha de múltiplos tentáculos no país e no exterior. Carlinhos Cachoeira e sua gang está preso até que um caro advogado consiga emplacar um hábeas corpus. Algum generoso juiz não negará essa liberdade a um bicheiro milionário, dono de rede de cassinos com o habitual subproduto da prostituição de luxo, tendo ligações suspeitas no mundo político e empresarial.

Criada a CPI, uma cachoeira já vai arrastando na corrente uma plêiade de empresários, políticos importantes, parlamentares e governadores não propriamente vestais mas de nível ético aparentemente tolerável. Essa aparência já não sobrevive. Podem ser desocultadas pela CPI maracutaia impensáveis. Deverá crescer o time dos "fichas sujas" que sairão do cenário político nacional. A lei já fez um saudável estrago nessa classe, por enquanto no nível municipal. Em mais dois anos, a limpeza se completará cós as eleições federais e estaduais. O país vai ficar diferente. O povo já havia se conformado com o "política é assim mesmo". Não é mais.

Surpresas emocionantes vão acontecer, embora haja manobras estranhas de políticos assustados com a possibilidade de espingos em suas cabeças.

Não bastam essas emoções. Foi constituída a Comissão da Verdade, com discurso emocionado e fortemente aplaudido pelo presidente, presa política dos tempos de chumbo. Ministros militares constrangidos presentes ao ato não aplaudiram, embora não sejam atores das maldades daqueles tempos. As descobertas serão certamente assustadoras. Ninguém vai ser punido pelas maldades praticadas. Vale a anistia generosamente aprovada. Punição se limitará às revelações de mortes e torturas da ditadura militar, o que não é pouco. O resultado será uma esperada e sempre adiada catarse nacional.

Cabe ainda neste espaço uma expectativa prestes a ser realidade: projeto de lei vai sendo aprovado no Congresso e deverá chegar logo à sanção presidencial. Definirá como crime a prática nem mesmo disfarçada do trabalho escravo. Confirmada essa relação espúria de trabalho, as terras serão confiscadas pelo governo. Ainda há reações explicáveis da bancada ruralista, contestando a qualificação como tal de certas práticas comuns no campo que consideram lícitas. Não são. Que venha essa nova Lei Áurea para coibir essa aberração.

Estes são sinais do Reino. É o que esperam todos os brasileiros. Assim seja.

Helio Amorim é membro do Movimento Familiar Cristão.

"Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos."

Fernando Pessoa citado por Marta Suplicy em magistral crônica publicada na Folha de São Paulo de 02.06.12



A CRISE GLOBAL E AS RELIGIÕES

Egon Dionísio Heck

Adital

Brasília, patrimônio cultural da humanidade, não pode ficar refém de Cachoeiras de corrupção. Tem que ser também palco do pensamento e de intelectuais do mundo todo. Alçar voos e sobrevoos na atual crise global por que passa a humanidade é preciso. Quiçá se consiga vislumbrar sôfregas luzes entre a nevoa da crise e desesperança.

Abril fez da capital brasileira, ao completar 52 anos, um espaço de grandes debates, com especialistas renomados do mundo. No palco os grandes temas que desafiam a humanidade hoje.

"Krisis", foi o guarda chuva. As palestras e debates começaram com o tema "Religião-Fé, fanatismo e conflitos políticos no mundo atual". Tariq Ali, intelectual e escritor paquistanês, iniciou as exposições. Leonardo Boff, teólogo, escritor e militante da vida do planeta terra, trouxe um enfoque mais latino americano, da teologia da libertação. Pedro Terra (Hamilton Pereira), secretário de Cultura do Distrito Federal, fez a mediação do debate.

Tariq fez uma breve explanação das religiões nas revoluções industriais, fazendo uma análise crítica da inserção e instrumentalização das mesmas por esses processos econômicos,

para chegar às crises e assensos das religiões nos dias atuais. Fez referência às críticas de Marx às religiões, classificando-as como "opio do povo". Expressão do pensamento da revolução racionalista. Fez menção à profunda crise atual em que o "mundo está comandado por gente cujo único Deus é o dinheiro". No turbulento mundo do capitalismo vemos o constante surgimento de novas religiões, como "fast food". afirmou que nos Estados Unidos tem três grandes religiões: o dinheiro, as igrejas da competição, e a religião promovida pela guerra de civilizações. Isso gera um retrocesso hoje, pois estimula uma cruzada contra o outro.

CRISE DE SISTEMA POLÍTICO E RELIGIÕES

Não existe uma religião monolítica. Quando as religiões conversam, dialogam, aprendem umas com as outras. Diante da constatação do assenso das religiões, chamou atenção para o fanatismo que se expande, demonstrando que na verdade o que se aprofunda é a crise do capitalismo. Fez referência ao fenômeno do surgimento de partidos políticos religiosos tomando o poder no mundo árabe, ao vazio de sentido da maioria das democracias atuais. Apesar disso muitos processos importantes

acontecem na América do Sul, como o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, e os diversos movimentos anti-imperialismo que chegaram ao poder na Venezuela, Equador, Bolívia...

Apesar de suas ásperas críticas às religiões e suas consequências nos processos civilizatórios e revoluções, afirmou que na verdade trata-se de uma profunda crise do capitalismo global e a construção de um novo sistema, em que os atuais dos males no mundo não ficarão impunes.

Olhando para seu companheiro que neste instante estava à sua direita na mesa, Leonardo Boff, lamentou que a Teologia da Libertação tenha chegado bastante tarde, porém manifestou sua convicção de que ela poderá contribuir muito com os processos de transformação social e a superação da crise sistêmica atual.

RELIGIÃO – ESPAÇO GERADOR DE ESPERANÇA

Ao iniciar sua fala, Leonardo Boff, disse "a religião está realmente em ascensão". Prova disso era o auditório apinhado de gente, até no palco atrás dos expositores. Boff em sua fala, disse que a crise da religião nos remete a uma crise mais profunda, de civilização. Fez referência às situações de violência geradas pelo

fanatismo religioso, intolerância, proselitismo, fundamentalismo, problemas religiosos não resolvidos. Insistiu que a religião é espaço gerador de esperança, de elaboração de novos sonhos e utopias.

Fez menção do cansaço do consumo que está gerando um vazio que propicia o surgimento de religiões, muitas vezes de forma patológica, fundamentalista. Ao mesmo tempo as religiões ganham uma forma política, profética, de resistência. São as religiões de libertação. Temos uma herança libertária, de resistência, de consciência crítica, ao lado dos oprimidos. As religiões mobilizam as populações.



Egon Dionísio Heck é Assessor do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) Mato Grosso do Sul

*Comece fazendo o que é necessário,
depois o que é possível, e de repente
você estará fazendo o impossível.*

São Francisco de Assis

Quanto à crise mundial, alertou sobre a grave ameaça por que passa Gaia, o planeta terra, nossa casa comum, pelo feroz sistema de destruição em marcha. Diante dessa realidade dramática somos convocados em regime de urgência a construir um novo modelo de sociedade, que não tenha apenas uma relação utilitarista com a natureza, mas que junte as sabedorias de todos os povos, nativos, africanos, que tem uma dimensão mística de suas espiritualidades e religiões. Será necessário muito diálogo,

busca conjunta da verdade, da construção de um novo modelo civilizatório, baseado na radicalidade da vida, superando as religiões de mercado.



Não fique tão SÉRIO

MORRER PRIMEIRO!

Homens condenados à cadeira elétrica foram levados no mesmo dia à sala de execução.

Alguns deles deu a extrema unção, o carcereiro fez o ritual formal, e uma prece final foi rezada pelos presentes.

Depois, voltando-se ao primeiro homem, perguntou:

— Qual seu último pedido?

— Como eu adoro pagode, gostaria de ouvir os CDs dos Travessos, Negritude Jr., Karametade, Os Morenos e do Belo, pela última vez. Não quero morrer e, se for possível, também os CDs do Zé e Ki-Loucura.

Depois virou-se para o segundo condenado e perguntou:

— Qual seu último pedido?

— Morrer primeiro???

COZINHOS ÍNTIMOS.

— O médico é meu pensamento a seu respeito e o meu desejo de apertá-la em minhas mãos, para que eu tenha de vingança incontestável pelo que me fizeram.

— Quando quente e calma chegou a ser angustiantemente quente e, nesta cama, aconteceu. Sorrateiramente se aproximou, sem o mínimo pudor. Encostou seu corpo sem roupa no meu corpo nu. Percebi que minha aparente indiferença, aconchegou-se e mordeu-me sem escrúpulos até os mais sensíveis lugares jamais tocados de meu casto corpo. Adormeci. Hoje, quando acordei, procurei-a e ela não estava mais. Ansia ardente, mas em vão. Deixou provas de que ocorreu na noite passada. Grandes manchas no meu corpo e o alvo lençol salpicado de sangue.

— Na noite recolho-me mais cedo para na mesma hora acordar. Oh! Quando chegar, nem quero pensar. Com que perspicácia, avidez e força quero apertá-la para que não escape mais de mim. Em meus braços quero apertá-la até o fim. Não haverá mais meu corpo que os meus dedos não conheçam. Descansarei quando não mais existir vida em meu frágil corpo. E, só assim, livrar-me-ei da minha filha da!

O MÉDICO.

Jesus Cristo resolveu voltar à Terra e decidiu vir vestido de médico! Procurou um lugar para descer. Viu, em São Paulo, um posto de saúde do Sistema PAS do Maluf-Pitta. Observou um médico trabalhando há muitas horas e morrendo de cansaço.

Jesus Cristo, então, entrou de jaleco, passando pela fila de pacientes no corredor, até atingir o consultório médico. Os pacientes viram-no e falaram-lhe:

— Olha, vai trocar o plantão!

JC entrou na sala e falou ao colega que podia ir, pois ele ia tocar o ambulatório dali por diante. Sentou-se e, todo resoluto, gritou:

— O P-R-Ó-X-I-M-O!

Adentrou no consultório um homem paraplégico, com sua cadeira de rodas. JC levantou-se, olhou bem para o aleijado, e, com a palma da mão direita sobre sua cabeça, disse-lhe:

— LEVANTE-SE E ANDA!

O homem levantou-se, andou e saiu do consultório empurrando a cadeira de rodas. Quando chegou ao corredor, o próximo da fila perguntou-lhe:

— E aí, como é esse doutor novo?

Ele respondeu-lhe:

— Igualzinho aos outros, nem examina a gente!

COINCIDÊNCIA

Uma mulher envia ao juiz uma petição de divórcio.

Ao ler o documento, o juiz questiona:

— A senhora tem certeza do que está pedindo?

A senhora quer divórcio por "COMPATIBILIDADE DE GÊNIOS"?

Não seria ao contrário?

— Não, Meritíssimo, é por compatibilidade mesmo.

Eu gosto de cinema, o meu marido também, eu gosto de ir à praia e ele também, eu gosto de HOMEM e ele também!!!!!!!



A LIBERDADE

Jorge Leão

As gaiolas estão agora vazias. Todos os pássaros que nela estavam se foram... Agora estão gozando de ventos, fortes ou fracos, voando por sobre as cabeças daqueles que um dia os escravizaram

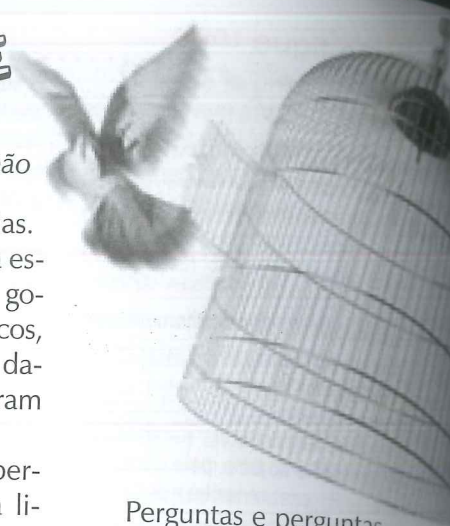
Seria um sonho, essa tal liberdade? Confundir-se-ia com a libertação de algo ou de alguém? Exigiria um abrir drástico de tantas e tantas gaiolas que insistem em permanecerem fechadas?

Perguntas e perguntas...
Todas em vão...

Qual o sentido de tais desejos, se deles não pudéssemos extrair algo de real e participante em nosso tato? Tato, por vezes, tão insensível... Insensibilidade e o seu avesso, talvez sejam estes os grilhões que nos aprisionam ou queiram carnalmente nos humanizar... Sensibilidade dos santos, que viram ser possível o sonho de suas mais remotas esperanças, liberdade em sentido vital, por isso, lançaram-se tão misteriosamente aos braços do Divino Senhor... Sensibilidade aos apelos das calçadas... Liberdade da escuta e do serviço... Se somos realmente livres, como nos limitarmos às imposições dos dogmas da escravidão social?

Perguntas e perguntas...
As gaiolas estão agora vazias... Restam a água e um pouco de alpeste; e o essencial, ao nosso mesquinho odor de liberdade, o pássaro? Não está mais ali, fechado, resumido, limitado... Venceu a frieza do túmulo, levantou-se... afastou a pedra do sepulcro, voou simplesmente! E agora? ... Perguntas...

Eu estaria em paz vendo todos os pássaros voando Todas as crianças brincando, sorrindo e correndo... Todas as mesas fartas de pão e de amor Vendo cada poema de caridade sendo levado aos altares abençoados todos pelo desejo visceral do Pai de todas as liberdades. Enquanto não chega esse tempo, sinto-me cada vez mais prisioneiro de todas as liberdades, manifestando o irrequieto ardor de ir à busca do concreto das respostas. Respostas concretas...



liberdade vivida a cada passada a cada pulsação, a cada respiração... Liberdade que canta o nome de Francisco de Assis... Liberdade que não se cansa de abrir as portas das gaiolas, deixando-as ulteriormente repletas de teias de aranha... Liberdade nasce na terra e continua

no céu... Respostas concretas... Liberdade viva... Assim, creio que minhas dúvidas e perguntas não sejam em vão ou se tornem vãs, esquecidas pela escravidão do tempo.

Jorge Leão. Professor de Filosofia.
Membro do MFC de São Luís-MA

Você Sabia?

As Sete Maravilhas do Mundo Antigo:

- 1 As Pirâmides do Egito
- 2 Os Jardins Suspensos da Babilônia
- 3 O Mausoléu de Helicarnasso
- 4 A Estátua de Zeus
- 5 O Templo de Artemisa
- 6 O Colosso de Rodas
- 7 O Farol de Alexandria

Os Três Reis Magos:

O árabe Baltazar: trazia incenso, significando a divindade do Menino Jesus.

O indiano Belchior: trazia ouro, significando a sua realeza.

O etíope Gaspar: trazia mirra, significando a sua humanidade.

Definição de Mineiro

Segundo Tom Cavalcanti:

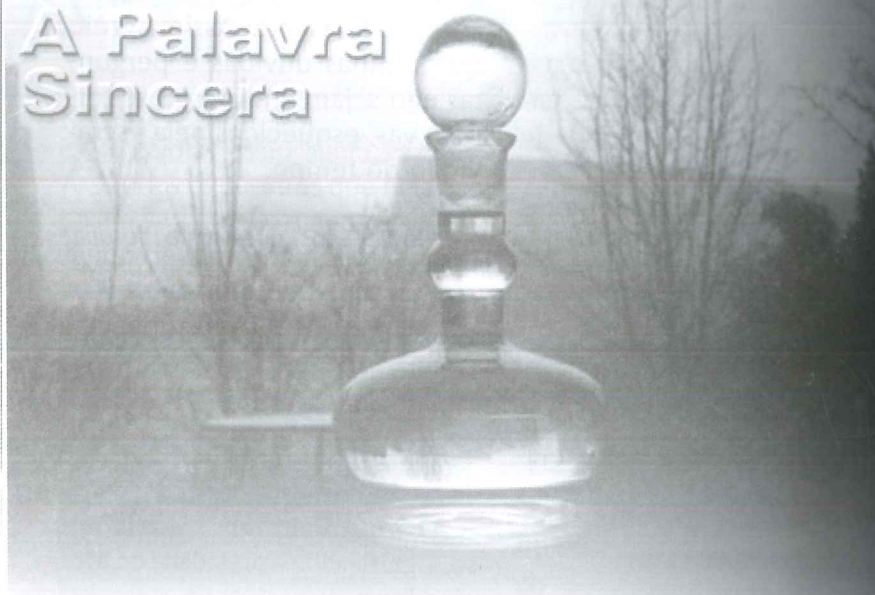
É aquele que: quando tem barro vai atrás, quando tem poeira vai na frente quando tem porteira vai no meio

Segundo Tancredo Neves:

O Mineiro não é radical. Se é mineiro não é radical. Se é radical não é mineiro. Mesmo tendo nascido em Minas Gerais



A Palavra Sincera



Você sabia que a palavra “sincera” foi inventada pelos romanos? Eles fabricavam certos vasos com uma cera especial tão pura e perfeita, que os vasos se tornavam transparentes.

Em alguns casos era possível distinguir os objetos guardados no interior do vaso. Para um vaso assim, fino e límpido, diziam os romanos: “Como é lindo! Parece até que não tem cera!”

“Sine cera” queria dizer “sem cera”, uma qualidade de vaso perfeito, finíssimo, delicado, que deixava ver através de suas paredes. Com o tempo, o vocábulo “sine cera” se transformou em sincero e passou a ter um significado relativo ao caráter humano.

Sincero é aquele que é franco, leal, verdadeiro, que não oculta, que não usa disfarces, malícias ou dissimulações. A pessoa sincera, à semelhança do vaso, deixa ver, através de suas palavras, os nobres sentimentos de seu coração.

Assim, procuremos a virtude da sinceridade em nossos corações. Sim, pois na forma de potencialidade ela está lá, aguardando o momento em que iremos despertá-la, e cultivá-la em nossos dias. Se buscamos a riqueza do espírito, esculpindo seus valores ao longo do tempo, devemos lembrar da sinceridade, desse revestimento que nos torna mais límpidos, mais delicados.

Por que razão ocultar a verdade se é a verdade que nos liberta da ignorância?

Por que razão usar disfarces, cedo ou tarde eles caem, e somos obrigados a enfrentar as consequências funestas da mentira?

Por que razão dissimular, se desejamos jamais ouvir a dissimulação na voz das pessoas que nos cercam? Quem luta para ser sincero conquista a confiança de todos, e, por consequência, seu respeito, seu amor. Quem é sincero jamais enfrentará a vergonha de ser descoberto em falsidades. Quem luta pela sinceridade é defensor da verdade do Cristo, a verdade que liberta.

Sejam sinceros, lembrando sempre que essa virtude é delicada, é respeitosa, jamais nos permitindo atirar a verdade nos olhos alheios, como uma rocha contundente.

Sejam sinceros como educadores de nossos filhos. Primemos pela honestidade, ensinando-lhes valores morais, desde cedo, principalmente através de nossos exemplos.

Sejam sinceros e conquistem as almas que nos cercam.

Sejam o vaso finíssimo que permite a quem o observa perceber seu rico conteúdo.

Sejam sinceros, defensores da verdade, acima de tudo, e carreguemos conosco não o fardo dos segredos, das malícias, das dissimulações, mas as asas da verdade que nos levarão a voos cada vez mais altos.

Por fim, lembremo-nos do vaso transparente de Roma, e procuremos tornar assim o nosso coração.

*Texto recebido por e-mail.
Autor desconhecido.*

“Um grama de exemplos vale mais que uma tonelada de conselhos.”

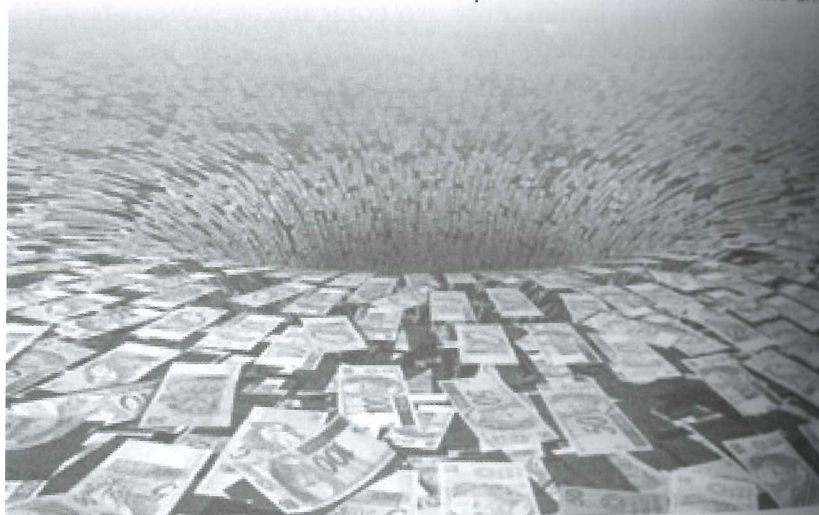
“Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam”

As empresas, a corrupção e a democracia

Jorge Abrahão

No que diz respeito à corrupção, a vida no Brasil vai de escândalo em escândalo, com breves intervalos para um cafezinho.

A partir do anúncio de uma operação, assistimos a uma sucessão de informações em doses homeopáticas. Seguem então as acrobacias dos advogados de defesa dos acusados – não para rebater o conteúdo das acusações, mas para achar brechas na legislação visando o arquivamento dos processos. É lamentável observar a que se reduziu o direito nesses casos.



Essas estratégias dissimuladoras, além de gerarem profunda indignação na maioria dos cidadãos, também causam mágoas políticas que levam ao afastamento de muitos da vida política do país, o que é uma perda inestimável.

Essa reação, entretanto, desconsidera o fato de que o desdém com a política só faz com que se perpetue esse tipo de prática.

Avançaremos mais no combate à corrupção na medida em que ela for entendida como uma

responsabilidade dos governos nas áreas legislativa e judiciária das empresas e da sociedade civil.

Por isso, precisamos aprofundar a participação, como se cada escândalo fosse o combustível que conduz à ação.

Um dos caminhos para uma mudança estrutural é atuar nas causas desses escândalos, principalmente na relação promíscua entre o público e o privado, onde a ausência de distorções há muitas décadas construídas e que se evidenciam, sobretudo, no período eleitoral.

O desafio é incentivar ações voluntárias e regulamentações que criem a chance de troca de valores entre pessoas jurídicas e políticos.

Temos estimulado a ação voluntária das empresas na promoção da integridade e no combate à corrupção, tendo como objetivos a transparência, a adoção de um código de ética e a qualificação de seus colaboradores para tratar o tema.

Nesse caminho, muitas empresas têm assumido compromissos, dando visibilidade a suas ações e comprometendo a sua reputação ao se submeterem ao escrutínio público.

Muito além das ações voluntárias, está a regulamentação que universaliza o padrão de atuação das empresas.

Nesse âmbito encontra-se o projeto de lei 6826, que trata da responsabilização administrativa e civil da pessoa jurídica em atos de corrupção contra a administração pública nacional ou estrangeira.

Até hoje, no Brasil, as pessoas jurídicas não são responsabilizadas por atos de corrupção – somente os funcionários envolvidos, pessoas físicas. Isso gera uma enorme distorção, que precisa ser corrigida o mais rápido possível.

Por isso, é fundamental que a Comissão Especial da Câmara dos Deputados aprove o projeto de lei 6826.

Quanto mais desvincularmos o interesse público do interesse privado, mais estaremos valorizando a política e as empresas sérias e contribuindo para a consolidação de nossa democracia.

Jorge Abrahão, é presidente do Instituto Ethos, membro do Conselho Global Compact da ONU e da Comissão Nacional Rio +20

CÓDIGO FLORESTA Pedido de Referendo Popular

Leonardo Boff*

Adital

Lamento profundamente que a discussão do Código Florestal foi colocada preferentemente num contexto econômico, de produção de commodities e de mero crescimento econômico.

Isso mostra a cegueira que tomou conta da maioria dos parlamentares e também de setores importantes do Governo. Não tomam em devida conta as mudanças ocorridas no sistema-Terra e no sistema-Vida que levaram ao aquecimento global.

Este é apenas um nome que encobre práticas de devastação de florestas no mundo inteiro e no Brasil, envenenamento dos solos, poluição crescente da atmosfera, diminuição drástica da biodiversidade, aumento acelerado da desertificação e, o que é mais dramático, a escassez progressiva de água potável que atualmente já tem produzido 60 milhões de exilados.

Aquecimento global significa ainda a ocorrência cada vez mais frequente de eventos extremos, que estamos assistindo no mundo inteiro e mesmo em nosso país, com enchentes devastadoras de um lado, estiagens prolongadas de outro e vendavais nunca havidos no Sul do Brasil que produzem grandes prejuízos em casas e plantações destruídas.

A Terra pode viver sem nós e até melhor. Nós não podemos viver sem a Terra. Ela é nossa única Casa Comum e não temos outra.

A luta é pela vida, pelo futuro da

humanidade e pela preservação da Mãe Terra. Não podemos simplesmente produzir, mas respeitando o alcance e o limite de cada ecossistema, os ciclos da natureza e o equilíbrio dos bens e serviços que Mãe Terra gratuita e abundantemente nos dá.

E vamos sim salvar a vida, proteger a Terra e garantir um futuro comum, bom para todos os humanos e para a toda a comunidade de vida, para as plantas, para os animais, para os seres da criação.

A vida é chamada para a vida e não para a doença e para morte. Não permitiremos que um Código Florestal mal intencionado coloque em risco nosso futuro e o futuro de nossos filhos, filhas e netos. Queremos que eles nos abençoem por aquilo que tivermos feito de bem para a vida e para a Mãe Terra e não tenham motivos para nos amaldiçoar por aquilo que deixamos de fazer e podíamos ter feito e não fizemos.

O momento é de resistência, de denúncia e de exigências de transformações nesse Código que modificado honrará a vida e alegrará a grande, boa e generosa Mãe Terra. Agora é o momento da cidadania popular se manifestar. O poder emana do povo. A presidenta e os parlamentares são nossos delegados e nada mais. Não representam o bem do povo e da nação, de nossas riquezas naturais, de nossas florestas, de nossa fauna e flora, de nossos rios, de nossos solos e de nossa imensa biodiversidade. Perderam a legitimidade e o uso do poder público é uma usurpação. Temos o direito de buscar o caminho constitucional do referendo popular. E aí veremos o que o povo brasileiro quer para si, para a humanidade, para a natureza e para o futuro da Mãe Terra.

Leonardo Boff
teólogo, filósofo e escritor

Comentando o
Manifesto contra a
Corrupção e a favor da

Fr. Marcos Sassatelli

Adital

No dia 13 do mês de abril deste ano, a Casa da Juventude Pe. Burnier (CAJU) e mais 37 Entidades populares e pastorais da sociedade civil, que lutam pelos direitos humanos, assinaram o "Manifesto contra a Corrupção e a favor da Vida", que representa o clamor de nossa sociedade e -embora não tenha saído na imprensa- foi amplamente divulgado na internet.

"A sociedade -diz o Manifesto- acompanha, estarecida e indignada, a sequência de escândalos envolvendo diversos órgãos oficiais. Em 2011, foram trazidos a público resultados da Operação 'Sexto Mandamento' da Polícia Federal, o que evidenciou a realidade

de várias famílias pobres que choravam e continuam chorando a execução de seus/suas filhos/as diante de ações violentas e organização criminosa dos responsáveis pela Segurança Pública. No início deste ano, novas e mais amplas denúncias na Operação 'Monte Carlo' revelam ligações de uma rede de corrupção que envolve as diversas estruturas oficiais -representantes eleitos, funcionários públicos e altos escalões das Polícias- e contraventores, todos liderados pelo bicheiro Carlos Augusto Ramos, o Carlinhos Cachoeira".

Diante dessas situações -que deveriam ser "alertas à população sobre o Estado e sua organização política", e suscitar na sociedade

"uma postura crítica"- "muitas pessoas deixam-se levar pela indiferença, outras pela desesperança e outras ainda pelo medo".

Por isso, as Entidades abaixo e mais pessoas comprometidas com a justiça, "denunciam essas estruturas de violência e de morte e gritam pela vida, especialmente pela vida da juventude esquecida".

A indignação -continua o manifesto- é maior ainda pelo fato de que os envolvidos nas denúncias são justamente os que se atribuem aos/às pobres, aos/às adolescentes e jovens a culpa da violência. Fazem os discursos de endurecimento das leis, de redução da maioridade penal e, continuamente, buscam justificar as ações violentas e de extermínio desta população, fazendo-a responsável por todas as desgraças sociais, levando as vítimas a reelegerem esses personagens, confirmando esse discurso, que banaliza e até estimula a própria violência".

O Manifesto denuncia, pois: a precarização e o abandono das Políticas Públicas", "a deficiência na garantia de direitos à população jovem e pobre", o descaso para com "os/as professores/as surpreendidos/as por ataques contra suas conquistas e

qualificações", a situação das "escolas sem as condições necessárias", "a prática de segurança pública marcada pelo medo e pela violência com índices que se comparam aos de uma guerra" (em Goiânia, só no mês de março, foram assassinadas 60 pessoas), a realidade desumana das "cadeias superlotadas e interditas", da "saúde marcada por mortes", da "falta de atendimento", das "más condições para os/as profissionais", da "exploração e abuso sexual", das "crianças em situação de rua", do "trabalho escravo", da "concentração de terras" e de "inúmeras outras situações de desgoverno".

Na imprensa destes dias, novas revelações apareceram. Vídeos inéditos feitos pela Polícia Federal durante a Operação Monte Carlo mostram as ligações do grupo de Carlos Augusto Ramos, o Carlinhos Cachoeira, com policiais acusados de corrupção e acompanham até mesmo um suposto pagamento de propina em uma igreja. As imagens são as primeiras que surgem na operação Monte Carlo e foram reveladas ontem (dia 29 de abril/12) com exclusividade pela 'TV Folha'. Os vídeos se complementam com os áudios obtidos pela PF na operação que levou o Ministério Público Federal a denunciar 81 pessoas e reve-

lou as relações de políticos, servidores públicos e policiais civis e federais com o empresário acusado de comandar jogos ilegais" (Folha de S. Paulo, 30/04/12, p.A4).

E ainda: Cachoeira "negociou a compra do controle de um partido político, conforme indicam gravações feitas pela Polícia Federal durante a Operação Monte Carlo. Uma sequência de diálogos ocorrida em maio de 2011 faz referência ao negócio e cita o nome do governador de Goiás, Marconi Perillo (PSDB), e o de um assessor do governador Agnelo Queiroz (PT-DF). No dia 5 daquele mês, apontam os grampos, Cachoeira havia jantado com Perillo na casa do senador Demóstenes Torres (ex-DEM-GO). No dia seguinte, Cachoeira conversa com Edivaldo Cardoso, ex-presidente do Detran-GO, que também participara do encontro" (Folha de S. Paulo, 01/05/12, p. A4).

Infelizmente -como escrevi no último artigo- na nossa sociedade a corrupção é estrutural e faz parte de um sistema socioeconômico, político, ecológico e cultural podre, iníquo e antiético. Os atos de corrupção são vazamentos da máscara desse sistema, que rachou (Cf. A máscara rachou e a corrupção vazou. Diário da Manhã, Opinião Pública, 28/04/12, p. 2).

As Entidades - que, expressando o sentimento geral da população, assinam o Manifesto - temem que, no caso em apuração, "se confirme um anúncio prévio de novo engavetamento de todas essas denúncias, como foi o exemplo da Operação 'Sexto Mandamento', com todos os policiais envolvidos soltos e, em alguns casos, já absolvidos".

Esperamos (embora existam motivos para desconfiar) que esse temor não se torne realidade e que a CPMI da corrupção cumpra o seu papel com isenção, responsabilidade e ética. Esperamos também que os responsáveis desse mar de lama sejam processados e julgados.

É isso o que almejam as Entidades que assinam o Manifesto quando afirmam: "Cabe-nos, nessa conjuntura, mobilizar a sociedade civil, os movimentos sociais, as igrejas e todas as lideranças comprometidas com os direitos humanos a unirem forças no intuito de exigir apuração transparente -inclusive das denúncias de financiamento de campanhas eleitorais-, fim da corrupção, punição à rede criminosa, cassação de mandatos, devolução de valores aos coíres públicos e continuidade das investigações em busca de ramificações de redes criminosas".

Unim, as Entidades concluem dizendo: "É preciso que a luz lançada sobre essas situações produza sentimentos de justiça e afirmação do compromisso com a vida. Creemos que estas ações à população novo vigor para manter indignada, mas, ao mesmo tempo, confiante na busca da organização marcada pela garantia de direitos".

Estamos, os cristãos/ãs, no tempo da Páscoa, que é Vida. Lutemos para que todos/as tenham Vida e Vida em abundância (Cf. Jo 10,10).

Frade Dominicano. Doutor em Filosofia e em Teologia Moral. Prof. na Pós-Graduação em DD.HH. (Comissão Dominicana Justiça e Paz do Brasil PUC-GO). Vigário Episcopal do Viciariato Oeste da Arq. de Goiânia. Admin. Paroq. da Paróquia N. Sra. da Terra

Utilidade Pública

A armadilha do cigarro

O que melhora se você parar de fumar:

Após 20 minutos - A pressão sanguínea e a frequência cardíaca voltam ao normal

Após 2 horas - Não há mais nicotina circulando no seu sangue

Após 8 horas - O nível de oxigênio no sangue se normaliza

Após 12 a 24 horas - Os pulmões já funcionam melhor

Após 2 dias - Seu olfato já percebe melhor os cheiros, o paladar já degusta melhor a comida

Após 3 semanas - Você vai notar que sua respiração se torna mais fácil e a circulação melhora

Após 1 ano - O risco de morte por infarto do miocárdio já é reduzido a metade

Após 5 a 10 anos - O risco de sofrer um infarto será igual ao das pessoas que nunca fumaram

Após 20 anos - O risco de desenvolver câncer do pulmão equivale ao das pessoas que nunca fumaram



Criança precisa ser criança

Jorge La Rosa*

O óbvio precisa ser dito. Ocorre também que o óbvio pode não aparecer com tanta obviedade, porque o espírito do tempo o desalojou, e algo mais urgente na ótica da cultura dominante precisa ser considerado. O ser humano, contudo, não é apenas um produto da cultura, ele é também um ser da natureza. Que precisa ser respeitada. E cuja violação pode ter o seu preço.

É o caso das crianças que precisam ser crianças, até os seis anos, e nada mais. E ser criança nesse período é brincar, principalmente brincar. Pode-se até aprender brincando, mas não podemos abdicar do brincar. Seria abdicar da infância. Da vida.

SOBRE A NATUREZA

Há sabedoria na natureza. Ela não pode impunemente ser violada. O ser humano, às vezes, esquece que é ser da natureza e age como se fosse apenas um ser da cultura. Pode se dar mal. Muito.

O desenvolvimento a qualquer preço com agressão à natureza está mostrando seus resultados nos desmandos climáticos, nos tsunamis, no aquecimento global, na destruição das espécies, no esgotamento da vida.

Analogamente, o tratamento que dispensamos às crianças, ou as exigências que lhes impomos, ou, ainda, os objetivos que lhes propomos podem estar agredindo sua natureza de criança: os resultados poderão não ser satisfatórios. Poderemos pagar um alto preço pelos desmandos.

TEMPO DE COMPETITIVIDADE

Uma das características de nosso tempo é a extrema competitividade que existe entre indivíduos para conseguir uma vaga na universidade, um emprego com alto salário, e que reflete a competitividade das empresas, corporações, regiões e países. Um dos objetivos dos pais, bem-intencionados, é preparar o filho para a competitividade que o

encontra em futuro não distante. É preciso ter que se alfabetizar precocemente, aprender inglês para entrar no "mercado", e de qualificação profissional de alto nível; ser proficiente em informática, saber lidar com o mundo das letras, dos números, e outras atividades necessárias para formar o adulto exitoso de amanhã.

A pergunta que se impõe, então, é: a pressão por seus desdobramentos: Não estamos colocando excessivo peso nos ombros infantis, não estamos sendo pressionados pelas demandas que lhes impomos, pelos "deveres" a assumir, pelas tarefas do dia-a-dia? Sua infância não está sendo minada por compromissos excessivos, sobrecarregada por demandas próprias do mundo adulto? Há, ainda, tempo para ser criança? Precisamos pensar. Porque as crianças nesse período precisam, acima de tudo, é brincar.

DECISÃO E AUTONOMIA

Há, também, pais que exigem que seus filhos tomem decisões como se adultos fossem, e se esquecem da etapa evolutiva em que se encontram, motivados talvez pelo desejo que seus filhos se tornem autônomos, e o processo de desenvolvimento não pode ser apressado: vivemos num mundo que tem pressa.



Muita. E impingimos nossa pressa no amadurecimento de nossos filhos. Entre essas decisões podemos elencar: qual a roupa a vestir, o sapato ou tênis a calçar, o horário para se deitar, o de levantar, o tempo na frente da TV, o programa a ser visto, a instituição de Educação Infantil a frequentar, e outras tantas. Uma educação para a autonomia irá progressivamente tornando efetiva a participação da criança no processo decisório de certas questões que lhe dizem respeito, mas não podemos exigir que uma criança de 3 anos escolha a roupa a vestir, o sapato a calçar e a instituição educacional a frequentar. Estaríamos equivocados!

CONSEQUÊNCIAS & CONSEQUÊNCIAS

Desconhecemos, em sua amplitude, as consequências destas tendências e comportamentos



dos pais, mas é comum em nossos dias diagnosticarmos crianças na primeira fase da infância com problemas de ansiedade, depressão, irritabilidade crônica, obesidade, hipertensão, insônia, problemas digestivos, inapetência e outros. Terão esses problemas relação com o modo de tratarmos as crianças, com as demandas que lhes propomos? As pesquisas poderão dar uma resposta, mas enquanto não virem, podemos nos capacitar que a melhor maneira de tratar uma criança até os seis anos é permitir que seja uma criança,

ou seja, que ela brinque. Muito. Será saudável, feliz. E será a melhor maneira de prepararmos seu futuro. Exitoso! Porque está aberta para a vida, e vida é também a natureza.

Jorge La Rosa é Professor universitário, doutor em Psicologia

PROPOSTAS PARA REFLEXÃO:

- 1) Você concorda com as colocações do autor. Sim. Não. Por quê?
- 2) Quais as alternativas para compatibilizarmos nosso estilo de vida atual com a preservação das necessidades da criança?

Você Sabia?

As 7 Notas Musicais

A origem é uma homenagem a São João Batista, com seu hino:

Ut queant laxis (dó)	Para que possam
Resonare fibris	ressoar as
Mira gestorum	maravilhas de teus feitos
Fa muli tuorum	com largos cantos
Solve polluit	apaga os erros
La bii reatum	dos lábios manchados
S ancti Ioannis	Ó São João

família pós-moderna estará abandonando os pais idosos?

CUIDAR DOS PAIS IDOSOS

Desumanas são as famílias que se preocupam cada vez mais com a economia, os juros, o consumo, o trabalho e o lazer, esquecendo-se do mais importante, o sentimento, o qual - segundo Boff - se traduz por capacidade de afetar e ser afetado, de envolver-se, de emocionar-se, de cuidar.

Famílias desumanizadas tendem a colocar o idoso de lado, como um objeto que não tem serventia, ainda que este seja o pai, ou a mãe. Vivemos numa sociedade na qual tempo é dinheiro. Ninguém quer perder tempo, é preciso correr, é preciso ganhar mais e descartar o que não gera lucro.

Esta sociedade pouco proclama que abandonar pais idosos é crime. E abandonar não significa apenas atirá-los num abrigo e nunca mais visitá-los. Abandonar também é deixar de ouvi-los, de conversar e acarinhar, de atender suas necessidades básicas. É maltratá-los com palavras e/ou atos. É mostrar-lhes que são um grande peso para a família.

Deonira L. Viganó La Rosa

CUIDAR, palavra cujo profundo significado talvez não tenhamos introjetado o suficiente. Cuidar do corpo, da natureza, das crianças, dos idosos, do próprio sentimento ... Onde há vida necessariamente deve haver cuidado. E quanto mais frágil a vida, mais pede cuidado. O sentimento que torna pessoas e coisas importantes para nós se chama CUIDADO. Quem ama, cuida.

Crianças e idosos são os seres que mais necessitam de cuidado. Observamos cotidianamente como são grandes os sofrimentos que desastrosas são as consequências da falta de cuidado com eles. Entretanto, não apenas eles sofrem, mas os próprios cuidadores muitas vezes são afetados pelo sofrimento. Para cuidar o outro é preciso cuidar de si mesmo e da própria maneira de cuidar. Quem cuida o cuidador?

COMO NOSSA FAMÍLIA ESTÁ EXERCENDO O CUIDADO?

Só o ser humano tem o dom da palavra e só ele é capaz de usá-la para levar conforto, só ele é capaz de cuidar da higiene do idoso, de alcançar-lhe os remédios, de ouvi-lo, de colocar a mão em seu ombro e mostrar-lhe o quanto está decidido a cuidá-lo. E é o amor que torna o cuidado possível. Sem carícia, dedicação, ternura, cuidado, não há amor.

Urge que os familiares se voltem sobre si mesmos e analisem como exercem o cuidado com os pais idosos, trazendo à luz quais e como são suas práticas. Este tema não pode ficar na surdina.

Além da família, a questão do cuidado dos idosos deve ser levantada pela sociedade, por grupos de terapeutas, assistentes sociais, enfim por todos os que desejam encontrar melhores formas

para bem exercê-lo. O abandono é inaceitável.

DIFICULDADES DO CUIDADOR

Neste artigo trazemos à tona um fato que pode chocar o leitor: Se os idosos necessitam de cuidado, e nada justifica abandoná-los, também é verdade que é difícil para a família cuidar idosos por anos a fio. Cito uma mulher (porque na maioria das vezes são as mulheres que cuidam os idosos) que, com grande sofrimento, me revelou: "Não agüento mais. Por causa de meus pais idosos e há muitos anos doentes, deixei de casar, não tenho dinheiro, sinto raiva deles e estou ficando doente. Irmãos homens em nada me ajudam". Procurei mostrar-lhe ser natural que sentisse raiva, o que não significava que não amasse seus pais (e de fato isto não estava afetando o cuidado que dedicava a eles).

E outra mulher: "Nunca critique aquele que cuida idosos por anos e anos, pois quem não vive a situação não sabe o que isto significa".

Como o aumento da idade das pessoas é um fato real, ainda não estamos preparados para lidar com a situação dos idosos, sobretudo se estão doentes, e em particular quando o dinheiro não é suficiente para tratar infra-estrutura.

Muitas vezes estas dificuldades referentes ao cuidado de idosos e idosas são abafadas porque geram nas pessoas um forte sentimento de culpa. Para bem resolvê-las, entretanto, é fundamental analisá-las abertamente e não negá-las.

Fica evidente que, embora esta situação familiar seja complexa,

em nada justifica o abandono ou o descuido com pais idosos. Amar e abandonar são variáveis que jamais podem andar juntas. Ame e cuide seus pais, sempre.

É dever da sociedade criar infra-estrutura para amparar as famílias, os cuidadores e os próprios idosos.

QUESTÕES PARA REFLETIR:

1º) Para você: cuidar de pais idosos seria uma obrigação ou uma retribuição?

2º) A quem cabe o dever de cuidar dos pais?

3º) A preparação para cuidar seria útil, dispensável, necessária?

Menina bonita

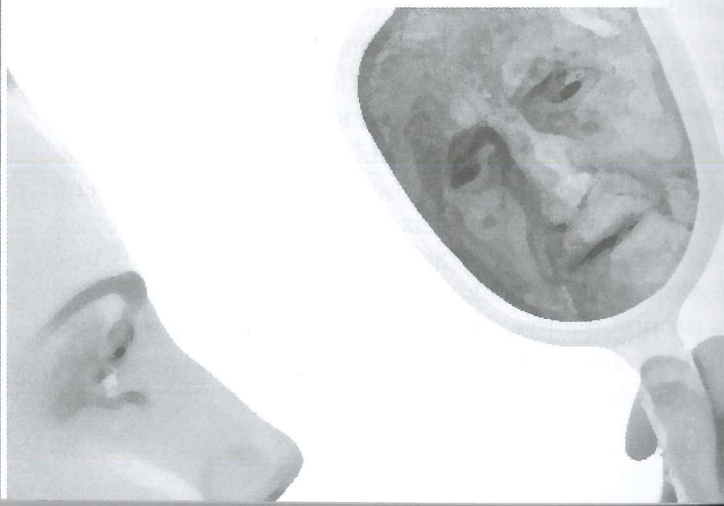
Menina bonita
de olhos tão grandes
teus olhos enormes
são olhos totais.

Desceste do ônibus
em ponto qualquer
nos braços-arrimo
daquela mulher.

Menina bonita
de olhos tão lindos
teus olhos macios
são olhos fatais:

víramos dois olhos
bem dentro de mim.

Tiago Adão





Democracia e representação Política

Alino Lorenzon

A leitura do artigo de Virgílio Uchôa "Representatividade política", publicado na Rede em junho de 2011, motivou a redação das seguintes ponderações complementares. O sistema democrático é caracterizado pela existência de partidos, eleições diretas ou indiretas destinadas a escolher os representantes do povo na esfera dos legislativos e dos governantes.

No estágio atual de evolução das sociedades, o sistema democrático se apresenta como a melhor forma de escolha para a representação política apesar de suas limitações e desvios. François Perroux, pensador francês, define

"A representação como ficção e como necessidade". Querer que a representação seja a simples tradução das aspirações duma comunidade regional ou nacional é uma utopia.

O Brasil é bem outra coisa que os seus representantes, isto é, o sistema de representação parlamentar brasileiro não representa de forma alguma o Brasil real. É uma caricatura. Basta utilizar alguns critérios de análise da nossa realidade, como o perfil socioeconômico, a cor e o gênero dos membros do Congresso Nacional, para constataremos de imediato que a representação política está muito longe da realidade do povo brasileiro. Este certamente não se reconhece no apa-

rio de Estado que o governa. Se vejamos.

No Congresso atual, a representação por atividade econômica e profissional é constituída por empresários urbanos e rurais. O maior grupo. O segundo grupo é formado por 139 profissionais liberais, como advogados, médicos e outros. Pesquisa do Instituto Datafolha, realizada entre os dias 3 e 7 de junho, revela que 16% dos brasileiros acima de 16 anos são contrários à recente aprovação do Código Florestal por maioria absoluta dos deputados. O Senado continua liderado por profissionais liberais, seguidos de empresários e outros. Por não terem conseguido os dados referendários variáveis "cor e gênero" do Congresso Nacional, foram não utilizados os indicadores do mandato para o período anterior 2007-2010, constantes no site www.congresso.foco.org.br.

Na Câmara dos Deputados, apenas 10 deputados se declaram negros e 33 pardos, ao passo que 18 se declararam brancos. Entre 44 mulheres deputadas, somente uma se declarou preta e 2 pardas. Pelos recentes dados do IBGE, 54% da população brasileira se declarou de cor. Outro dado preocupante da representação política no Brasil se verifica quanto à insensibilidade diante dos gra-

ves problemas da população brasileira, sabendo da existência de 16 milhões de miseráveis que sobrevivem com menos de R\$ 70 por mês conforme os últimos dados do IBGE. Além de afetiva e moralmente insensível aos graves problemas do povo, temos em sua maioria um Congresso ocioso, com reduzida produtividade. A votação somente é muito rápida quando se trata, por exemplo, do autoaumento, de outras mordomias e de interesses pessoais. É o caso recente da deputada Jacqueline Roriz que escapou da cassação com o apoio de 265 parlamentares, apesar de flagrante de corrupção.

Enquanto isso, milhares de projetos importantíssimos para o povo brasileiro dormem nos arquivos do Congresso durante dezenas de anos. A semana de presença é reduzida a dois ou três dias, sem falar dos recessos e férias. O orçamento do Congresso Nacional mostra o que é uma instituição perdulária com 20 mil funcionários, um orçamento fabuloso, um número alto de ditos assessores. Ora, o termo assessor, segundo o Aurélio, é um auxiliar com conhecimentos especializados em determinado assunto. O parlamentar nos custa quase R\$ 2 milhões por ano. Ademais, no site do Congresso em Foco, acessado em 31/8/11, constam os nomes e os supersalários

mensais de 464 funcionários que ganham mais que o teto, chegando a casos de R\$ 40 mil.

Brasília é realmente a Ilha da Fantasia. Sarney é campeão com mais de R\$ 50 mil mensais entre salários e aposentadorias. Ora, o estado do Maranhão é o mais pobre da federação, onde existem mais famílias na miséria e cidades com o menor índice de saneamento básico... O auto-aumento equiparando os salários dos parlamentares aos dos ministros do STF constitui outro exemplo de irresponsabilidade quanto à apropriação dos tributos diretos e indiretos pagos pelo povo. Um escárnio para os eleitores e, de modo particular, para os brasileiros e para as brasileiras das periferias e que sobrevivem na miséria ou na pobreza. Ninguém

pôde me explicar até o presente momento por que e em que base ética e de justiça social vota-se um teto igual para os três Poderes. Ora, a diversidade de funções, de responsabilidades e o dia a dia de cada poder são enormes. Não se pode comparar a responsabilidade e a carga horária semanal ou mensal da presidenta da República, dos ministros do STF com as dos congressistas.

Em conclusão, há pois um longo caminho a percorrer para termos no Brasil uma representação política mais democrática e mais justa realmente envolvida na solução da problemática do povo brasileiro e que portanto não seja uma pura ficção.

Alino Lorenzon é filósofo.
Transcrito do Boletim Rede Filósofo.



Olho por olho, e o mundo acabará cego.

O fraco jamais perdoa: o perdão é uma das características do forte.

Aprendi através da experiência amarga a suprema lição: controlar minha ira e torná-la como o calor que é convertido em energia. Nossa ira controlada pode ser convertida numa força capaz de mover o mundo.

Mahatma Gandhi

dom Odilo e o ABORTO dos Anencefálicos

Flávio Lobo*

No programa Roda Viva exibido pela TV Cultura na segunda-feira [03], o cardeal - arcebispo de São Paulo, dom Odilo Scherer, defendeu o Estado laico. Segundo dom Odilo, o exercício republicano da Justiça não deve se nortear por normas religiosas. Quando a Igreja Católica se opõe ao seu apoio a alguma lei ou política pública apenas exerce um direito garantido aos cidadãos "em geral, individuais ou coletivos" em uma democracia, disse o cardeal.



Muitos telespectadores que acompanharam as primeiras respostas de dom Odilo provavelmente se decepcionaram quando o sacerdote passou a defender as posições da Igreja em relação a questões legais específicas. Ao endossar a oposição oficial do Vaticano aos métodos contraceptivos, inclusive quando em jogo a prevenção de doenças graves - como no caso do uso da camisinha no combate à AIDS - o cardeal repisou os caminhar de uma sensibilidade moral que, de acordo com a doutrina da Igreja, se baseia em grande parte de seus fundamentos. Mas, se a moralidade oficial da Igreja soa anacrônica e problemática no que tange à camisi-

nha, no tocante à discussão sobre o direito ao aborto em casos especiais, como nos de anencefalia em que os fetos simplesmente não têm cérebro, a posição da igreja chega a ser aberrante.

No papel de escudeiro da doutrinação dita "conservadora" do papa Bento XVI, dom Odilo se contrapôs à descriminalização do aborto de anencefálicos, questão que deverá ser retomada, em breve, pelo Supremo Tribunal Federal. Segundo ele, portanto, a mulher que carrega em seu útero um feto com essa má-formação - que, se nascer com o coração batendo, terá apenas uma breve vida vegetativa - deve ser obrigada

por lei a viver todo o processo da gestação e a parir seu bebê sem cérebro.

Qual a justificativa apresentada pela autoridade cristã para considerar legítima a imposição de tal sofrimento e dos riscos à saúde materna envolvidos nessas gestações - ou, caso a mulher faça o aborto a revelia da lei, a imposição do estigma do crime e o enfrentamento de processo e punição judiciais - a uma pessoa que já vivência uma situação traumática? O feto anencefálico também é um ser humano, responde dom Odilo. A sociedade deve proteger sua vida, por mais precária que seja, como a de qualquer pessoa. Senão, de acordo com o cardeal, abríamos uma brecha para a relativização dos direitos humanos universais e baixaríamos a guarda diante do risco de novas eugenias.

A recusa de identificar diferenças fundamentais entre uma vida propriamente humana - que requer um cérebro - e a existência vegetativa de um feto anencefálico é compatível com o pensamento dogmático, que só enxerga em preto e branco, sem

tons de cinza, dispensa investigação e ignora evidências. E a imposição de um dogma às outras pessoas, mesmo as não católicas, que numa democracia deveriam ser livres para acolhê-lo ou rejeitá-lo, eleva os defensores da criminalização desse tipo de aborto a outro patamar na escala do obscurantismo, o dos fundamentalistas.

Mas há ainda outro recanto obscuro nesse pensamento doutrinário - uma incoerência que revela, provavelmente, suas motivações psicológicas. Senão vejamos. Se realmente crê que o batimento cardíaco e a vida celular de um corpo que não tem nem nunca desenvolverá um cérebro minimamente funcional são suficientes para identificar nesse corpo uma vida humana a ser protegida como qualquer outra, a Igreja fica obrigada a rejeitar a legitimidade da chamada "morte cerebral", critério médico internacionalmente reconhecido como o mais confiável para a constatação do óbito. A

vida anencefálica não pode ser considerada mais humana do que aquela que aquela ainda presente em

corpo cujo cérebro parou de funcionar. De acordo com a lógica médica que sustenta a defesa da criminalização do aborto de fetos anencefálicos, portanto, as leis e decisões internacionais referentes a transplantes de órgãos deveriam ser consideradas também intoleráveis e criminosas, comparáveis ao assassinato, como, na visão da Igreja, devem ser entendidos a eutanásia e o próprio aborto. Mesmo quando certas dúvidas e ressalvas quanto à constatação do óbito pelos critérios da morte cerebral, portanto, a Igreja Católica aceita transplantes de órgãos com base na definição médica da morte. Como explicaria essa contradição? Talvez uma explicação, que pode ser resumida numa palavra central do sistema de pensamento e a atuação da Igreja Sexo.

Como se sabe, a moral sexual, tanto que não mereceu a atenção do próprio Cristo, como se constata nos Evangelhos, é uma obsessão milenar para a Igreja Católica. A ausência do componente sexual na questão dos transplantes abre espaço para uma sensível flexibilização por parte da Igreja que se permite nortear pela paixão para com os receptores de órgãos. Já as grávidas de fetos anencefálicos, segundo a tradição católica que associa sexo, vida e punição - algo que atualmente não pode ser admitido sem

eufemismos por clérigos cordiais como dom Odilo - não merecem a mesma deferência

Por trás da dureza dos dogmas e da frouxidão dos malabarismos verbais com que os representantes da Igreja de Roma tentam justificar sua condenação ao aborto de anencefálicos enquanto aceitam os transplantes de órgãos, mal se esconde uma velha sanha punitiva: a mulher impura deve arcar com o preço do seu pecado.

Diante dessas evidências, os defensores da doutrina católica oficial podem escolher entre duas opções coerentes: ampliar sua cruzada lutando pela criminalização de transplantes de órgãos de pacientes em estado de morte cerebral, mesmo que isso resulte em milhares de mortes, ou aceitar que a complexidade ética e biológica desses temas exige a admissão da existência de regiões cinzentas entre o preto e o branco que demandam análise, discussão e um exercício cuidadoso de discernimento que leve em consideração os importantes direitos e valores em jogo. E, se essa escolha gerar uma angústia imobilizadora, me permitam sugerir uma terceira via, a do divã.

Flávio Lobo é Terapeuta de Casal e de Família. Mestre em Psicologia. Jornalista. Fonte: Terra Magazine. Transcrito do Boletim Rede



FATO E RAZÃO
METODOLOGIA REFLEXIVA.
A-METODOLOGIA:

A.1 - Manter a mente livre dos preceitos institucionais DAS RELIGIÕES, para que seja possível uma reflexão voltada para a espiritualidade, comprometida com a ética e com a harmonia universal.

A.2 - Buscar libertar-se das limitações impostas pela lei. Assim, pela reflexão, é possível a recuperação ética e moral do que é LEGÍTIMO.

A.3 - Para efeito de reflexão, aceitar a possibilidade de se conviver com falhas no segmento de saúde, podendo existir erro médico, falhas de tecnologias laboratoriais, ou mesmo incompetência de profissionais de apoio e dados estatísticos de exames incorretos, que podem marcar a vida de uma família por uma existência de sofrimentos.

A.4 - Lembrar-se de que A LEITURA É UMA ARTE. Ao se ler um texto, lembre-se de que seu autor, quase sempre escreve nos limites de um quadro ideológico marcado por sua formação, ou mesmo fruto de uma submissão hierárquica aos interesses de quem o contrata. ("Existem mais verdades entre o céu e a terra do que se pode imaginar" ...).

A. 5 - Evitar considerar esta situação como um simples modismo, sem maiores consequências históricas.

B - QUESTÕES REFLEXIVAS
SOBRE A VIDA:

Texto de apoio: - Dom Odílio e o Aborto de anencefálicos.
AUTOR: - Flávio Lobo. ORIGEM DO TEXTO: - Boletim Rede de Cristãos.

B. 1- Na condição de pai, de mãe ou de casal, você, caro leitor, considerando uma situação de gravidez de anencefálico, autoriza a **supressão da vida** de um ser humano inocente e deficiente, graças ao aborto? - Avaliar, envolvendo os aspectos éticos, morais, psicossociais, juramentos profissionais, econômicos e outros, que são definidores do tema. - Justificar.

B.2 - Imagine-se como um feto, preso às amarras de um cordão umbilical, no interior de um ventre materno. Se fosse facultada a você a faculdade de julgar, que nome você daria a seus pais que querem tirar a sua vida. - Afinal, com quem está o direito de decisão sobre a vida e a morte das pessoas? - Justificar.

OBSERVAÇÕES: - A equipe editorial do Fato e Razão, ao lançar esta metodologia e este questionamento, deseja somente possibilitar aos leitores uma oportunidade de aprofundar uma reflexão sobre a vida, fora dos parâmetros ditados pela mídia. Assim, mantemos o nosso mais profundo respeito pelas opiniões, bem como sobre a privacidade das mesmas.

LEIÇÕES E CIDADANIA

Helena Motta Salles

Democracia moderna é sobretudo representativa, mesmo que combinada com procedimentos próprios da democracia direta. Pensar na Democracia nos remete imediatamente à Câmara de Vereadores, que é no município que exercemos nossa cidadania em primeiro lugar. Há no entanto, com frequência uma visão negativa da população a respeito do poder legislativo municipal, como se este em relação ao poder executivo fosse algo de menor importância geral.

Por que isso ocorre? Podemos detectar algumas cau-

1- nossa tradição autoritária ou no imaginário popular a ideia de que o poder que importa de fato é o executivo; 2- algumas distorções em nosso sistema de representação proporcional, como as coligações. Pelas regras das coligações proporcionais, partidos inexpressivos elegem

seus candidatos por meio de coligações com partidos mais fortes eleitoralmente, já que para efeito de uma determinada eleição o quociente eleitoral é calculado para a coligação efetuada e não para cada partido em separado. Assim, o voto de um cidadão pode beneficiar um candidato que não é de seu agrado por ele estar na coligação que incluiu o partido e/ou os candi-

dados da preferência daquele cidadão; 3- a falta de compreensão a respeito da função legislativa, dada sua natureza mais "abstrata", a de criar normas universais que balizarão as ações do poder executivo; 4- a corrupção de

muitos políticos, que fazem de seus cargos uma oportunidade de enriquecimento pessoal .

A incompreensão do papel do poder legislativo acontece também por parte dos próprios legisladores que, com frequência agem como "despachantes"



ou "quebra-galhos" de seus eleitores. São os que atuam apenas no varejo, na troca miúda de favores, garantindo assim sua reeleição.

Se as pessoas não acreditam na função do vereador não há porque acompanhar seus trabalhos, comparecer à Câmara Municipal nas audiências públicas ou mesmo nas sessões ordinárias. Os que se aproximam dos vereadores fazem-no muitas vezes para solicitar algum favor, formando-se um elo espúrio entre representante e representado, assentado na incompreensão de ambos do papel do legislador e nos resultados pragmáticos dessa relação, convenientes para as duas partes.

Pense bem: quem vota nos políticos que tanto condenamos? Quem fecha os olhos, para não ter que se incomodar, quando circulam rumores sobre falcaturas com o dinheiro público? Quem acompanha atentamente o que se passa nas câmaras e nas secretarias? Seria o descalabro da política responsabilidade apenas dos profissionais dessa atividade?

A desqualificação da política tem o efeito de estimular as pessoas a voltarem as costas para a esfera pública, desinteressando-

se dos temas da cidade, o que facilita enormemente a atuação dos políticos que costumam se locomover pela coisa pública. O cidadão bem informado é vital para a Democracia; a boa informação é que qualifica as pessoas para suas escolhas, inclusive as eleitorais.

O Brasil, cujo passado é autoritário e centralizador, evoluiu no século XX para se tornar um dos países com maior número de práticas participativas: conselhos municipais, orçamento participativo, entre outras. Nossa constituição também prevê mecanismos próprios da democracia direta, como o plebiscito, o referendo e os projetos de lei de iniciativa popular. A relevância dessas práticas participativas e de democracia direta não nos deve deixar esquecer que o aprimoramento da representação



ser um dos principais compromissos dos que querem assombrar a Ética e Política. As formas de democracia são complementares e não excludentes, mas a representação é a espinha dorsal da Democracia no mundo contemporâneo. Além da necessidade de estarmos atentos às regras políticas, sumariamente simplifi-cadas acima, é crucial identificar a importância de elegermos representantes à altura do Brasil justo e democrático que queremos construir!

Helena Motta Salles é Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora

Você Sabia?

As Sete Pecados Capitais

Os sete pecados foram enumerados no século VI, pelo papa São Gregório Magno (540-604), tomando como referência as cartas de São Paulo)

Gula
Avareza
Soberba
Luxúria
Preguiça
Ira
Inveja

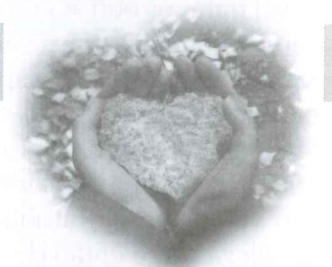
EXERCÍCIOS EM VISTA DE UMA VIDA CIDADÃ

1) Refletir e posicionar-se sobre a construção de cidadania e a participação democrática nas eleições.

2) Nas eleições, ou fora delas, as coligações partidárias são um bem, ou um mal? - Por que?

3) Em um processo eleitoral, qual a relação que se verifica entre o candidato, o eleitor e o bem comum? - Esta relação é correta? - Por quê? - Se não é, como mudá-la?

4) Relacione FAMÍLIA E ELEIÇÕES. (ANTES, DURANTE E DEPOIS).



As Sete Virtudes

Para combater os pecados capitais

Temperança (gula)
Generosidade (avareza)
Humildade (soberba)
Castidade (luxúria)
Disciplina (preguiça)
Paciência (ira)
Caridade (inveja)



Mais do que um modo de agir, a gentileza é uma maneira de ser e de enxergar o mundo. Ser gentil, portanto, é um atributo muito mais sutil e profundo do que ser uma pessoa educada ou de saber cumprir regras de etiqueta. Embora seja mais do que recomendável tratar os outros com educação, a gentileza não é uma característica relacionada apenas ao fato de termos um bom comportamento, mas sim com o modo como enxergamos o ser humano e o valor que lhe atribuímos. A gentileza surge então de um profundo respeito ao outro, independente de sua raça, sexo, credo ou condição social.

Você pode ser educado com algumas pessoas e não ser com outras. Mas quando se é verdadeiramente gentil, é impossível não ser com todos, pois a gentileza é uma reverência que você oferece ao aspecto sagrado que habita dentro de cada pessoa, independente da capa de bom ou mau, de santo ou pecador.

Ser gentil não pode depender do outro, não pode ser uma moeda de troca, tem que ser uma escolha pessoal a partir da compreensão de que devemos fazer a nossa parte e contribuir para colocar um pouco mais de luz na escuridão do mundo.

Pressionados por ideias equivocadas, que nos induzem a ter sempre mais, a cumprir prazos e metas sem respeitarmos o nosso ritmo e aquilo que acreditamos, nos tomamos mais e mais insensíveis. E vamos agindo e nos relacionando com as pessoas inclusive as que amamos – de forma menos gentil, mais apressada e mais automatizada, sem nem nos darmos conta disso.

Quanto mais gentis somos com as pessoas, mais gentis somos também com a nossa verdade, com os nossos valores. Assim dificilmente nos aviltaremos em nome de algo que não esteja de acordo com nosso coração.

Pessoas que dizem sim para todo mundo estão, na realidade,

orgando uma imagem de “vítimas da vida”, de extremamente passivas e injustiçadas. Isto não é ser gentil e demonstra mais uma dificuldade em lidar com sua própria presença do que com a força e o poder contidos na gentileza. Desse modo, que seja dita com sinceridade e respeito, a gentileza é absolutamente coerente com a palavra. Basta que sejamos honestos, que respeitemos os nossos limites e que aprendamos sem culpa, a abandonar o direito de escolher o que queremos.

Ser gentil é extremamente benéfico, pois a gentileza abre as portas, muda o rumo dos conflitos, facilita negociações, transforma os humores, melhora as relações, enfim, propicia inúmeras vantagens tanto na vida de quem se torna gentil quanto na de quem se permite receber gentilezas.

Assim, podemos imaginar que o contrário também seja verdadeiro: que a falta da gentileza cause prejuízos à nossa saúde física, emocional e mental. Para se ter uma pequena ideia do quanto a falta de gentileza interfere em nosso dia-a-dia, basta notar: pessoas intol-

erantes, briguentas e pouco ou nada gentis geralmente sofrem de enxaqueca, gastrite, ansiedade, cansaço e falta de criatividade entre outras limitações. Sendo assim, o que devemos fazer é praticar a gentileza quanto mais conseguirmos. E isso é uma escolha antes de mais nada, pois praticaremos ser gentis, mesmo quando não recebermos a mesma gentileza. A gentileza então seria, desta forma, uma ação deliberada e não uma reação. Uma pessoa é um mestre da gentileza quando perdoa, quando compreende, quando se coloca no lugar do outro, quando age não de acordo com o que esperam dela mas de acordo com o que espera de si mesma.

Fonte: Júlio Machado - educador e consultor em desenvolvimento humano, Qualidade de Vida e Relacionamento Interpessoal.

Extraído do Boletim “Sustentação” do MFC de Itaúna-MG

REFLETIR SOBRE:

- 1) Gentileza, etiqueta social e educação.
- 2) Na defesa do patrimônio e do trabalho a gentileza pode falhar a ética e a conduta moral? Justifique.

“O mundo não está ameaçado pelas pessoas más, mas sim por aquelas que permitem a maldade.”

Albert Einstein

Ao longo da história dos homens, muitos aderiram ao projeto de Deus. Outros o rejeitaram pretendendo ser como Deus. Já não sabem distinguir entre o bem e o mal. Este uso equivocado da liberdade é a origem de todos os males que atingem a humanidade. É chamado de *pecado original*, aquele que está na origem de todos os mecanismos desumanizadores nas relações entre os homens, produzindo sofrimento e tristeza, num mundo criado para a alegria e felicidade de todos.

O DESAFIO DA HUMANIZAÇÃO

Helio Amorim

Há quase 3 mil anos, um sábio escritor, iluminado por Javé, seu Senhor, percebeu esse desvio no interior mesmo do Povo de Deus. Influenciado pelos cananeus e seus deuses, o povo assumia práticas e costumes desumanizadores. Para alertar o povo sobre os males desse afastamento do projeto do Criador, aquele escritor escreveu uma interessante história, baseada nas crenças populares sobre a origem do mundo. Essa parábola catequética muito interessante começa na metade do versículo 4 do capítulo 2 do Livro do Gênesis. *Não relata acontecimentos históricos.*

É um relato poético, muito contundente, para denunciar os desvios dos homens que se afastam do projeto de Deus. O autor mostra o mundo maravilhoso que o Senhor planejou para todos que nele habitam. Convivendo em harmonia, entre si, com

Deus e a Natureza, em paz consigo mesmos, todos os homens e mulheres, representados no relato por Adão e Eva, vivem felizes numa terra fértil e bela, livre de toda maldade.

Ao romper com o projeto de Deus, a humanidade cria condições para que o mal irrompa no mundo. Naquele relato, essa ruptura com o projeto de Deus, ou desobediência, é retratada simbolicamente no *comer o fruto da árvore do bem e do mal*, significando que a humanidade quis se substituir a Deus, ser como Deus, criar seu próprio



projeto, em desacordo com o do Criador. Sutilmente denuncia a influência da religião dos cananeus, pela serpente que a seduzia. Por causa desse rompimento da humanidade com Deus e o seu projeto, o trabalho torna um peso, a dor e o sofrimento oprimem homens e mulheres expulsos do jardim.

Homens que deveriam viver como irmãos, passam a invejar, a odiar, escravizar e matar, representados no relato por Caim. A vontade de dominar o mundo e ser como Deus estabelece a confusão nas relações humanas, ninguém mais se entende, já não se fala uma mesma língua. A *torre de Babel* simboliza essa desordem na sociedade que quer prescindir de Deus.

O autor denuncia a dominação do homem sobre a mulher. O homem negocia com o futuro sogro as condições para possuir a mulher, que passará a ser sua

propriedade, assim como ele possui terras, camelos e cabras. Ela levará a culpa de tudo que acontecer de mal. A própria serpente, que representa a religião cananéia, escolhe Eva, a mulher, para exercer a sua má influência sobre os homens. *Adão joga a culpa da sua desobediência sobre a mulher*, mas não consegue iludir Deus.

Então o autor do relato recorda ao homem como deverá ser a união entre o homem e a mulher, que deixarão seus pais para serem uma só carne, porque ela é como ele, *criada de sua costela, "osso dos meus ossos"*. Essa expressão, para aquele povo, significava exatamente essa igualdade entre pessoas de mesma condição social ou parentes. A dominação do homem sobre a mulher é assim denunciada, como contrária à humanização de ambos.

Nesse relato tão antigo, seu autor também ensina que o Deus do seu povo é o único, autor de toda a Criação, transcendente e superior a tudo o que foi por Ele e somente por Ele criado gratuitamente e entregue ao homem para que dele cuide de modo responsável, com o suor do seu corpo.

Esse continua sendo hoje o desafio para os cristãos, herdeiros da sabedoria desse relato catequético: promover mais humanização, uma

justa distribuição dos bens da natureza e dos frutos do trabalho humano entre todos os homens e mulheres. É missão dos cristãos, assumindo o projeto de Deus, fazer do mundo criado um lugar propício à plena humanização de todos os homens e mulheres, tal como o Paraíso poeticamente descrito como *jardim aprazível*.

Adaptado de "Descomplicando a Fé", editora Paulus

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1) Tendo em vista a importância do compromisso com a qualidade de vida:

A) Relacionar, pelo menos, dez práticas desumanizadoras, existentes no atual momento da história do País.

B) Relacionar, pelo menos, dez práticas humanizadoras, existentes no atual momento da história do País.

C) Qual deve ser o compromisso e o papel social de cada um em vista do desafio da humanização?

2) Relacionar o fenômeno da humanização com o jogo econômico e político em tempo de eleições municipais. (DAR A CESAR O QUE É DE CESAR E A DEUS O QUE É DE DEUS).

Cada família do MFC

1 assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias

ASSINE OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27.249-3, agência 3139-9, do Banco do Brasil e remeta os dados pelo e-mail da Revista.

Assinatura anual: R\$ 32,00
(Trinta e dois Reais - 4 edições)

UMA ASSINATURA DE

fato e razão

Tel/Fax: (32)3214-2952
de 13:00 as 16:30
livraria.mfc@gmail.com

DISTRIBUIDORA MFC DE FATO E RAZÃO
Rua Barão de Santa Helena, 68
Juiz de Fora - MG - Cep 36010-520

aqui sobre a minha mesa de trabalho um cartaz da festa de padroeira de paróquia do Distrito Federal. Sabe-se que é festa de igreja pela manchete e nele há a imagem da padroeira. Do contrário seria impossível saber. De cartaz não fala de nenhum momento evangelizador, de nenhuma celebração litúrgica, mas convida o público para uma grande farra regada com muita música e muito barulho de várias bandas de cantores sertanejos. Além do anúncio das bandas e dos nomes dos patrocinadores, o cartaz traz a informação do bilhete para entrar na farra e a indicação dos locais onde ele pode ser comprado. Nada contra a cervejinha, pois também gosto de saboreá-la de vez em quando. Nada contra as bandas sertanejas, embora eu prefira escutar sempre a raiz, tocada por autênticos violeiros caipiras. Mas fiquei me perguntando:

que isso tem a ver com a evangelização?

de Lisboa Moreira de Oliveira

Trago em casa, depois de um dia de trabalho, e ligo a TV. Começo a mexer nos canais, tentando encontrar alguma coisa pra ver. Encontro-me com um programa caído de TV. O programa se diz sendo para a evangelização do público jovem, mas tem tudo para ser um programa humorístico. De vez em quando alguns jovens, com cara de quem não comeu e não gostou, fazem algumas perguntas e um padre com rosto angelical, de quem não tem sexo, responde às perguntas. Pelas tantas, um desses jovens, com cara de mais esperto, pergunta onde encontrar na Bíblia a proibição de que não se pode fazer sexo antes do casamento. O padre começa dizendo que, com os jovens, é preciso falar claro e vai



direto ao ponto: "No livro do Gênesis, na primeira página da Bíblia, pois lá está escrito: 'por isso o homem deixa seu pai e sua mãe, e se une à sua mulher, e eles dois se tornam uma só carne'". Gostei e ri do programa "humorista".

Mas depois fiquei sério e me perguntei: isso é evangelização?

Continuei a mexer nos canais e, de repente numa outra TV católica estava acontecendo um debate sobre o celibato. Respondia um padre solenemente empacotado pelas vestes clericais. De repente o apresentador faz uma "provocação" ao entrevistado: "o padre não casa, não tem mulher, não tem filhos. No final do dia, depois que todo mundo vai embora da igreja, ele não sente solidão?" O padre entrevistado, com ares de quem pensa que todo mundo é bobo, responde com uma grande asneira (lembro que asneira vem de "asno"!): "Não, eu não sinto solidão, eu sinto soledade. Soledade é viver com Jesus e quem está com Jesus não está sozinho. Não tem a Nossa Senhora da Soledade? Pois é, eu não sinto solidão, mas soledade". Sem querer, estava novamente assistindo a um programa televisivo de humor. Mas, cansado por causa do dia de trabalho, fui pra cama com a pergunta: por acaso isso é evangelização? Porém, antes de dormir, passei pelo meu escritório e peguei um dicionário para ver o que significava a palavra soledade. Estava escrito: "soledade, o mesmo que solidão". Dei outra risada bem gostosa. Minha mulher, lá do nosso quarto, escutou e ficou curiosa,

querendo saber por que eu estava dando tantas risadas gostosas. Rimos. Mas a pergunta ficou no ar.

O QUE É EVANGELIZAR

Sabemos que o verbo evangelizar (euangelizesthai), e o substantivo evangelho (euaggelion), desde os tempos áureos da antiga Grécia, significam literalmente anúncio de uma boa notícia. Estes termos estão na raiz da palavra evangelização. Em Israel o correspondente hebraico do verbo e do substantivo grego também tem o mesmo significado: anúncio de uma boa e confortante notícia. Os termos eram usados de modo especial para falar da alegre notícia da salvação e da libertação trazidas por Javé. "Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa notícia, que anuncia a salvação, que diz a Sião 'Seu Deus reina'" (Is 52,7).

Com a chegada de Jesus os termos evangelizar, evangelho e evangelização ganham uma conotação especial. Permanecem significando anúncio de uma boa notícia, mas acrescidos de um detalhe importante: *boa notícia para os pobres e oprimidos*. "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar

libertação aos presos e aos cegos, para dar a visão da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar o ano de graça do Senhor" (Lc 4,18-19). É claro que Jesus, citando Isaías, não inventa a evangelização aos pobres, mas, segundo Lucas, esta é a programação oficial da sua missão de consequência, da missão aos pobres e das cristãs.

Desde o Concílio Vaticano II não se tem feito outra coisa a não ser proclamar solenemente que a missão da Igreja é evangelizar. Quase cinquenta anos depois chego à conclusão de que a Igreja, senão toda, não sabe e não quer evangelizar. Os exemplos acima, podem ser multiplicados aos milhares, revelam isso com clareza. Onde está a boa notícia para os pobres, para os oprimidos, para os excluídos? Para que servem as missões de padroeiro e os programas televisivos católicos? De que adianta aos pobres, as vítimas da exclusão, os oprimidos estão sendo evangelizados? Se aquela festa anunciada pelo cartaz da paróquia, fosse em benefício dos pobres, não restaria dúvida de que seria uma verdadeira festa

evangelizadora, mesmo que a base de muita cerveja e de bandalhas sertanejas.

Dois meses atrás, participei de uma festa junina aqui no Distrito Federal, promovida pelos espíritas em favor de uma casa para idosos. Na festa não tinha bebida alcoólica, por uma opção da direção da instituição, mas tinha todas as outras bebidas e comidas típicas do São João. O diretor, que também é meu colega de trabalho, me disse que este abrigo para idosos é mantido pelo trabalho de voluntários, pelas doações das pessoas, por esta festa junina e por outra que é realizada por ocasião do Natal. E quem visita o abrigo sabe como os velhinhos são bem cuidados.

Portanto, não há mais evangelização em nossos dias, exceto em determinadas ocasiões e lugares. A Igreja perdeu definitivamente o rumo e não consegue levar boa notícia a ninguém, particularmente aos destinatários escolhidos por Jesus em seu pronunciamento na sinagoga de Nazaré.



O que se vê hoje são verdadeiros espetáculos de puro exibicionismo, voltados para a alimentação da egolatria de certos dirigentes e lideranças. As festas paroquiais estão destinadas ao lucro, a arrecadação de dinheiro para o sustento da "pastoral de manutenção" e para manter o luxo e a ostentação de certas lideranças, particularmente de padres e bispos que vivem às custas dos pobres, com a desculpa de que estão evangelizando. Poucos dias atrás me encontrei com um grupo de uma determinada paróquia de um bairro pobre do Distrito Federal. As pessoas se queixavam das constantes viagens do pároco à Terra Santa e Europa, deixando a paróquia no abandono, enquanto continua extorquindo dinheiro do povo pobre para custear suas peregrinações.

Tem razão Paulo Suess quando recentemente perguntou: "Quo vadis ecclesia? Para onde

vais, Igreja?". Ele mesmo sugere a resposta: "Estou indo por aí". E eu, parafraseando o Cardeal Newman, acrescento: "como uma tonta".

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1) Jesus era contra festas, enquanto oportunidade de evangelização? - Justificar?

O texto fala em tonteira eclesial. Esta tonteira está na Igreja, ou no tradicionalismo verificáveis no comportamento de pessoas (pensadores) vinculadas com segmentos filosóficos, teológicos, ou mesmo culturais? - Justificar.

José Lisboa Moreira de Oliveira
é Filósofo e Doutor em teologia.
Ex-assessor do Setor Vocações e Ministérios/CNBB. Ex-Presidente do Inst. de Past. Vocacional. Gestor e professor do Centro de Reflexão sobre Ética e Antropologia da Religião (CREAR) da Universidade Católica de Brasília.
Publicado por ADITAL

Você Sabia?

Os Sete dias da Semana e os "Sete Planetas"

Os dias, nos demais idiomas - com excessão da língua portuguesa, mantém os nomes dos sete corpos celestes conhecidos desde os babilônios:

Domingo - dia do Sol Segunda - dia da Lua

Terça - dia de Marte Quarta - dia de Mercúrio

Quinta - dia de Júpiter Sexta - dia de Vênus Sábado - dia de Saturno

REAL MOTIVO DO TRABALHO

Gustavo Cerbasi

O profissional moderno trabalha hoje pela carreira, pelo "mercado", mas tenta esquecer que os mais interessados em seu sucesso são seu empregador nem esse mercado, e sim sua família.

As pessoas que mais amam o bem do trabalhador abrem mão de sua companhia, de papel de pai de mãe, de marido de mulher, em troca de uma suposta construção de vida melhor.

A ascensão na carreira envolve coisas tão complexas que exigem do trabalhador uma série de premissas que vão muito além do conhecimento técnico de sua área profissional. Entre elas estão o "networking", a ética, a política, a diplomacia, a moda, a educação continuada, as celebrações de fim de ano, a concorrência, a fofoca, o domínio de idiomas, a organização pessoal, enfim, uma série de elementos que, combinados, definem a imagem do profissional e sua capacidade de lidar com sua estagnação.

Manter-se antenado com essas variáveis exige um envolvimento profundo, que aumenta à medida que vamos dominando o conhecimento sobre nossa atividade profissional. Quanto mais nos envolvemos, mais assumimos as rédeas da carreira, porém mais nos distanciamos da vida. Profissionais antenados e em franco processo de crescimento costumam ter pouco tempo para si e para a família.

De tão valorizado pela sociedade, o trabalho passou a ser desculpa razoável para a falta de tempo, de carinho, de relacionamento, de sexo e de realizações pessoais. Porém, não se pode esquecer de que a vida não é o mesmo que a carreira. Não vivemos para trabalhar, mas trabalhamos para viver.

O dito popular e o bom-senso rezam isso, mas a prática vai por outro caminho. Nossa família ocupa, ou deveria ocupar, um espaço muito mais importante em nossa vida do que o trabalho. Quem tem planos para desfrutar de vários anos de aposentadoria deveria perceber que, na verdade, quer desfrutar é daquilo que lhe



é familiar. Não importa se a família envolve laços sanguíneos ou não.

Pode ser que seus planos de aposentadoria envolvam uma aproximação maior de sua comunidade ou sua tribo, de seu Estado ou país de origem, do clube em que desfruta do lazer ou de qualquer referência que envolva elementos familiares e queridos a vocês.

Mas, independentemente de qual seja o sentido de família para você, o fato é que, se for casado, seu parceiro estará totalmente envolvido nessa reaproximação. Por isso, veja a carreira não como o plano principal de sua vida, mas apenas como uma fase intermediária, onde aproveitará a oportunidade de vender seu tempo e conhecimento para garantir o desfrute da próxima fase da vida com mais tranquilidade e segurança.

Por essa interpretação, defendo que o foco quase que total no trabalho, se fizer parte dos planos da vida de um dos membros do casal ou de ambos, deveria durar o menor tempo possível, apenas o suficiente para sustentar seu crescimento.

Não se trata aqui de uma defesa do ócio, da vida sem trabalho. O ócio é bom, mas não é viável para quem não tem um bom grau de independência financeira. Mas, por mais que o trabalho nos con-

suma, temos de nos esforçar para não perder de vista nossos principais objetivos.

Precisamos nos desapegar dos laços de comodismo que o trabalho impõe. E, nesse sentido, ninguém melhor para contar com a ajuda do que a pessoa que escolhemos para ter ao lado nessa jornada.

A carreira não deve ser pensada ou planejada como um projeto do indivíduo, mas sim como um projeto do casal. E esse projeto não pode, de maneira alguma, ser dissociado dos planos de construção de riqueza da família, pois a carreira nada mais é do que um meio de adquirir nossa independência financeira.

De nada adiantará acumular riquezas e conquistar a tranquilidade da aposentadoria se, lá na frente, a única coisa a que você terá acostumado seu corpo e sua mente a sentir falta for o trabalho.

Gustavo Cerbasi é autor de "Casais Inteligentes Enriquecem Junto" (Ed. Gente) e "Como Organizar sua Vida Financeira" (Elsevier Campus).
Extraído da Folha de São Paulo.

QUESTÃO PARA REFLEXÃO

Como, repectivamente não deve e como deve ser pensada e planejada a carreira como um projeto do casal, na perspectiva de construção de um lar, com qualidade de vida para a família?

OS ENSINAMENTOS DO DR. IÇAMI TIBA

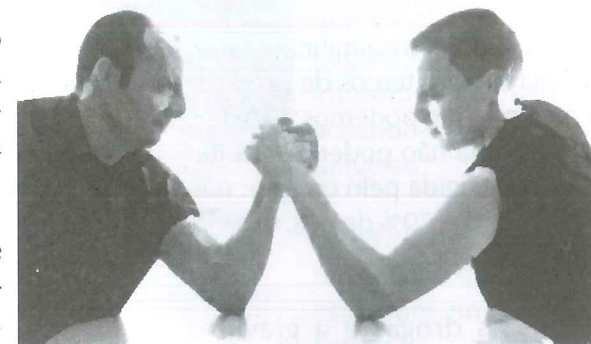
1. A educação não pode ser delegada à escola. Aluno é tran-
sferido. Filho é para sempre.

2. O quarto não é lugar para fazer criança cumprir castigo. Não se pode castigar em internet, som, tv etc...

3. Educar significa punir as condutas derivadas de um comportamento errôneo. Queimou Índio, a pena (condenação judicial) deve ser passar o dia todo em hospital de queimados.

4. É preciso confrontar o que o filho conta com a verdade real. Se o pai que professor o xingou, tem que ir até a escola e ouvir o outro lado, além das testemunhas.

5. Informação é diferente de conhecimento. O ato de conhecer vem após o ato de ser informado de alguma coisa. Não são coisas que conhecem. Conhecer a camisinha e não usar significa que não se tem o conhecimento da prevenção que a camisinha proporciona.



6. A autoridade deve ser compartilhada entre os pais. Ambos devem mandar. Não podem sucumbir aos desejos da criança. Criança não quer comer? A mãe não pode alimentá-la. A criança deve aguardar até a próxima refeição que a família fará. A criança não pode alterar as regras da casa. A mãe NÃO PODE interferir nas regras ditadas pelo pai (e nas punições também) e vice-versa. Se o pai determinar que não haverá um passeio, a mãe não pode interferir. Tem que respeitar sob pena de criar um delinquente.

7. Em casa que tem comida, criança não morre de fome. Se ela quiser comer, saberá a hora. E é o adulto quem tem que dizer QUAL É A HORA de se comer e o que comer.

8. A criança deve ser capaz de explicar aos pais a matéria que estudou e na qual será testada. Não pode simplesmente repetir, decorado. Tem que entender.

9. É preciso transmitir aos filhos a idéia de que temos de produzir o máximo que podemos. Isto porque na vida não podemos aceitar a média exigida pelo colégio: não podemos dar 70% de nós, ou seja, não podemos tirar 7,0.

10. As drogas e a gravidez indesejada estão em alta porque os adolescentes estão em busca de prazer. E o prazer é inconsequente.

11. A gravidez é um sucesso biológico e um fracasso sob o ponto de vista sexual.

12. Maconha não produz efeito só quando é utilizada. Quem está são, mas é dependente, agride a mãe para poder sair de casa, para fazer uso da droga. A mãe deve, então, virar as costas e não aceitar as agressões. Não pode ficar discutindo e tentando dissuadi-lo da idéia. Tem que dizer que não conversará com ele e pronto. Deve 'abandoná-lo'.

13. A mãe é incompetente para 'abandonar' o filho. Se soubesse fazê-lo, o filho a respeitaria. Como sabe que a mãe está sempre ali, não a respeita.

14. Se o pai ficar nervoso porque o filho aprontou alguma coisa, não deve alterar a voz. Deve dizer que está nervoso e, por isso, não quer discussão até ficar calmo. A calma, deve o pai dizer, virá em 2, 3, 4 dias. Enquanto isso, o videogame, as saídas, a balada, ficarão suspensas, até ele se acalmar e aplicar o devido castigo.

15. Se o filho não aprendeu ganhando, tem que aprender perdendo.

16. Não pode prometer presente pelo sucesso que é sua obrigação. Tirar nota boa é obrigação. Não xingar avós é obrigação. Ser polido é obrigação. Passar no vestibular é obrigação. Se ganhou o carro após o vestibular, ele o perderá se for mal na faculdade.

17. Quem educa filho é pai e mãe. Avós não podem interferir na educação do neto, de maneira alguma. Jamais. Não é cabível palpite. Nunca.

18. Muitas são desequilibradas ou mesmo loucas. Devem ser tratadas. (palavras dele).

19. Se a mãe engolir sapos do filho, ele pensará que a sociedade terá que engolir também.

20. Videogames são um perigo: os pais têm que explicar como



a razão de viver de um casal. O filho é um dos elementos. O casal tem que deixá-lo, no máximo, no mesmo nível que eles. A sociedade pagará o preço quando alguém é educado achando-se o centro do universo.

24. Filhos drogados são aqueles que sempre estiveram no topo da família.

25. Cair na conversa do filho é criar um marginal. Filho não pode dar palpite em coisa de adulto. Se ele quiser opinar sobre qual deve ser a geladeira, terá que mostrar qual é o consumo (kWh) da que ele indicar. Se quiser dizer como deve ser a nova casa, tem que dizer quanto isso (seus supostos luxos) incrementará o gasto final.

26. Dinheiro 'a rodo' para o filho é prejudicial. Mesmo que os pais o tenham, precisam controlar e ensinar a gastar.

Religião, respeito a fé em Deus é muito importante. Frase: **"A mãe (ou o pai!) que leva o filho para a igreja e o ensina a respeitar e ter fé, não vai buscá-lo na cadeia..."**

realidade, mostrar que na vida não existem 'vidas', e sim a única vida. Não dá para correr e reencarnar. Não dá para gastar tudo, apertar o botão e pagar a dívida.

21. Professor tem que ser líder. Inspirar liderança. Não pode apenas bater cartão.

22. Pais e mães não podem se der do filho por uma inabilidade que eles tenham. 'Filho, digite isso aqui pra mim porque não sei lidar com o computador'. Pais têm que saber usar o Skype, pois no mundo em que a ligação é gratuita pelo Skype, é inconcebível pagar para falar com o filho que mora longe.

23. O erro mais frequente na educação do filho é colocá-lo no topo da casa. O filho não pode ser

Procura-se um bom pastor

Carlo Tursi

Já tiveste a sensação de alguém, falecido há algum tempo, permanecer “vivo” para ti? Permanecer fortemente presente em teu pensamento, continuar a servir de farol luminoso para o teu agir? Muito mais do que certas pessoas ainda vivas?

É assim que nos acontece com personagens marcantes, fascinantes, vibrantes, visionárias. É assim que me acontece com dom Aloísio Lorscheider, cujo quinto aniversário de morte (23/12/2007) se aproxima. Tenho uma foto dele colada na minha mesa de trabalho, é verdade, mas é a imagem dele que me vem à mente quando penso na Igreja em que acredito. Por que será?

Indubitavelmente, porque dom Aloísio tinha um perfil próprio, possuía um estilo inconfundível, era uma personalidade. Não se parecia com esta imagem episcopal padronizada e imposta que impera hoje: a dos prelados pomposos, envoltos numa aura de sagrado numinoso(*), mas sem quase nenhuma irradiação pessoal, donos de um discurso oficioso ensaiado, homologado, genérico e – em última análise – irrelevante para os



destinos do nosso mundo. Bispos sem estatura própria, meninos de recado do Grande Pai em Roma, do Santo Padre (que blasfêmia, meu Deus!), cumpridores solícitos de ordens superiores, que nunca dizem o que realmente pensam, mas somente o que são mandados para dizer em nome da Instituição Eclesiástica. Bispos que cavalgam ad nauseam velhos cavalos de batalha como o aborto e a moral sexual (dos leigos, é claro!), mas que se calam diante das maiores atrocidades e injustiças que afligem a nossa sociedade. Bispos que mentediam com o que falam e não me arrastam, pelo seu exemplo, à prática do bem, à transformação do mundo. Ao contrário destes bispos mornos, dom Aloísio era quente, na fala e no testemunho pessoal. Quer ver? Então veja:

Na fala: “Estamos fazendo boas palestras, pregando belos sermões [...], mas na realidade, não estamos concluindo nada! As grandes iniciativas realmente relevantes não estão saindo, porque ainda não reconhecemos, de fato [...], a missão e a dignidade cristã do leigo e da leiga” (MLA* pp.144-145). Ou que tal isto: “O leigo deve ter a própria condição dentro da Igreja. Não deveriam ser convidados leigos ‘maquiados’ e sim, leigos” (MLA p.47). “Sem luta e engajamento, não se chega à fé verdadeira! [...] Agora, a grande maioria das pessoas, hoje, espera do recurso ao sagrado, em primeiro lugar, proteção e defesa contra todos os males. “A motivação religiosa encontra-se muito mais próxima do medo e da insegurança do que da convicção e do compromisso” (MLA p.140). “O que acontece é que os cristãos se tornam cautelosos, não querem se expor. Está desaparecendo a espontaneidade. Para que haja mais espontaneidade deveremos, da parte do episcopado, aceitar a franqueza das pessoas. Um indivíduo que fala com franqueza não quer ofender ninguém, mas quer ajudar: isto está faltando na Igreja!” (MLA p.172). “Foram dois desafios que não foram abraçados: a opção preferencial pelos pobres e a organização das CEBs. É um desastre: o clero não acompanha as CEBs!” (MLA p.85).

Estás vendo? Qual o bispo que, hoje, ousa falar assim?

E no testemunho: Tenho fotos de dom Aloísio visitando casas e casebres no Morro do Teixeira/Castelo Encantado, subindo e descendo – na areia das dunas – os becos de favela, levando fé, esperança e amor aos pobres. Guardo ainda hoje recortes de jornal que mostram o mesmo dom Aloísio em um dos presídios mais perigosos da Ceará, o qual costumava frequentar (Qual o bispo que ainda leva a sério a palavra de Jesus: “Eu estive preso e tu foste me ver”?). Lembro-me como dom Aloísio criou e equipou o Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos na Arquidiocese, para prestar assistência jurídica às populações indefesas, sobretudo aos indígenas (perguntar não ofende: quanto o Arcebispo investe, atualmente, neste trabalho?).

Foi dom Aloísio que patrocinou experiências de formação seminarística inserida no meio popular, fora do Seminário. Também foi ele que conseguiu, por sua iniciativa pessoal, reverter uma ordem vinda do Vaticano para despedir os padres casados que atuavam como professores no curso de Teologia. Para não falar do incentivo importante que ele deu à criação da Conferência Nacional dos Leigos no Brasil – projeto abortado pela CNBB de hoje.

Por tantas palavras e atitudes corajosas e marcantes, a figura de dom Aloísio permanece vivíssima e luminosa para mim. Já não posso dizer a mesma coisa de muitos prelados pasteurizados que hoje desfilam solenemente seus paramentos em torno dos altares até desaparecem, literalmente, na nebulosidade do incenso: às vezes, me lembram os "sepulcros caiados" de quem falava Jesus... — cala-te, boca!

Você Sabia?

1 - Nos conventos, durante a leitura das Escrituras Sagradas, ao se referir a São José, diziam sempre "Pater Putativus", (ou seja: "Pai Suposto") abreviando em P.P.". Assim surgiu o hábito, nos países de colonização espanhola, de chamar os "José" de "Pepe".

2 - No Novo Testamento, no livro de São Mateus, está escrito "é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no Reino dos Céus". O problema é que São Jerônimo, o tradutor do texto, interpretou a palavra "kamelos" como camelo, quando na verdade, em grego, "kamelos" são as cordas grossas com que se amarram os barcos. A idéia da frase permanece a mesma, mas qual parece mais coerente?

3 - Quando os conquistadores ingleses chegaram à Austrália, se assustaram ao ver uns estranhos animais que davam saltos incríveis. Imediatamente chamaram um nativo (os aborígenes australianos eram extremamente pacíficos) e perguntaram qual o nome do bicho. O índio sempre repetia "Kan Ghu Ru", e portanto o adaptaram ao inglês, "kangaroo" (canguru). Depois, os lingüistas determinaram o significado, que era muito claro: os indígenas queriam dizer: "Não te entendo".

4 - A parte do México conhecida como Yucatán vem da época da conquista, quando um espanhol perguntou a um indígena como eles chamavam esse lugar, e o índio respondeu "Yucatán". Mas o espanhol não sabia que ele estava informando "Não sou daqui".

5 - Existe uma rua no Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão, chamada "PEDRO IVO". Quando um grupo de estudantes foi tentar descobrir quem foi esse tal de Pedro Ivo, descobriram que na verdade a rua homenageava D. Pedro I, que quando foi rei de Portugal, foi aclamado como "Pedro IV" (quarto).

Salve, Dom Aloísio, salve-nos! Bispos que me entediam com o que falam e não me arrastam, pelo seu exemplo, à prática do bem. Ao contrário destes bispos mornos, dom Aloísio era quente, na fala e no testemunho pessoal.

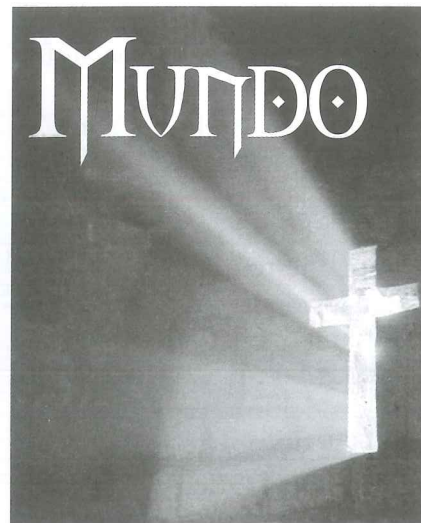
(*) Segundo o Aurélio: Na filosofia da religião de R. Otto, diz-se do estado religioso da alma inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade.

TEOLOGIA QUE INTERESSA AO

Marcelo Barros

Por onde passo, escuto a pergunta: "Dizem que a Teologia da Libertação está morta. É verdade?". Quase todos se refugiam em um impessoal "dizem". Poucos assumem que eles/as mesmos/as pensam isso. Há alguns anos, personagens da cúpula católica declararam que a Teologia da Libertação tinha morrido. Disseram isso para expressar que estavam cansados de um problema incômodo. Firmaram a morte desse caminho espiritual mais para desejar que não aconteça do que por estarem convencidos de que fosse real.

Entretanto, como, nas últimas décadas, as Igrejas parecem mais conservadoras e mais centradas em si mesmas, alguns concluem que, por isso, não existe mais essa relação entre fé e compromisso social. Por tudo isso, vale a pena recapitular: Chama-se "Teologia da Libertação" toda reflexão que liga a fé e a espiritualidade com o compromisso de transformar esse mundo e servir às causas da justiça, da libertação dos oprimidos e da paz. Nesse ano, estamos justa-



mente celebrando os 40 anos do surgimento desse tipo de reflexão teológica na América Latina. Em 1971 aparecia no Peru o livro "Teologia da Libertação" de Gustavo Gutiérrez, seguido de outros escritos. No Brasil, Rubem Alves e Richard Schaul, professores do Seminário Presbiteriano de Campinas, foram pioneiros nesse tipo de reflexão.

Foram perseguidos pela ditadura militar e incompreendidos pela hierarquia de sua Igreja. Na Igreja Católica, Leonardo Boff, Hugo Assmann e outros jovens trilham o mesmo caminho. Desde o começo, a Teologia da Libertação se diversificou em vários ramos e setores. Alguns autores aprofundaram mais a relação entre o compromisso cristão e a economia. Outros pesquisaram como aplicar à Teologia alguns

conceitos vindos da análise da realidade, feita pelos socialistas.

Homens e mulheres aprofundaram uma leitura da Bíblia a partir da realidade do povo. O que fez de pensadores tão diversos companheiros de uma mesma causa foi o compromisso de sempre tomarem como base a realidade de sofrimento injusto dos empobrecidos para servirem à sua libertação. Eles e elas elaboraram uma teologia que expressa a fé com palavras atuais e de modo a ser melhor compreendida pelo homem e pela mulher de hoje. Pela primeira vez, a teologia passou a interessar a muita gente do mundo inteiro, independentemente das pessoas terem ou não fé religiosa. Muitos jovens e intelectuais passaram a sentir-se ligados à caminhada cristã.

Na América Latina, durante séculos, o Cristianismo tinha legitimado a política injusta dos poderosos desse mundo. Com algumas exceções honrosas, desde a colonização, a maioria dos padres e pastores foi cúmplice da escravidão dos índios e negros. A Teologia da Libertação transformou isso. Não com discursos sobre a libertação, mas com um novo modo de fazer teologia a partir da realidade e em permanente contato com os movimentos populares.

Esse método da teologia da libertação continua hoje vigente nas teologias indígenas, negras e feministas. Também, com toda razão, a categoria pobre e oprimido pode ser usada em relação à Terra e à natureza. Por isso, a Eco-teologia é uma expressão atual da Teologia da Libertação.

Não tem sentido discutir se, por acaso, a Teologia da Libertação morreu, quando as correntes nela engajadas já realizaram três fóruns mundiais sobre Teologia e Libertação e preparam um próximo. Quem entrar em qualquer livreria mais sortida descobrirá vários livros escritos recentemente a partir dessa corrente. De qualquer modo, é claro, o importante não é a Teologia da Libertação. É a própria caminhada da libertação, hoje, sempre mais atual e necessária não apenas na América Latina, mas para todo o mundo. Quem procura viver a espiritualidade ligada à realidade da vida tem na Teologia da Libertação uma boa ajuda para aplicar à nossa realidade a palavra de Jesus:

“Quando vocês virem essas coisas começarem a acontecer, levanten as cabeças. É a libertação que se aproxima”

(Lc 21, 28). (Adital)

Marcelo Barros é Monge beneditino e escritor

CORPORATIVISMO JUDICIAL

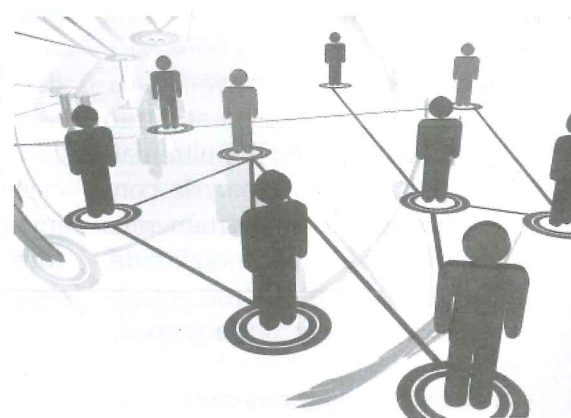
Como se sabe, todo agrupamento de pessoas com o fim de compartilhar interesses comuns, deve proporcionar meios para resguardar seus interesses e atingir suas finalidades.

Neste sentido, é legítimo que, cada grupo, cada corporação, cada instituição, promova a defesa de seus direitos opondo-os frente às ameaças de lesão.

Contudo, o que se percebe hoje em dia nas corporações comerciais, grandes ou pequenas, na estrutura republicana dos Poderes constitucionalmente definidos, e em qualquer outra forma de reunião para comunhão de interesses, é que muitas vezes a barreira que delimita a legitimidade para defesa destes, é flagrantemente rompida.

Disto extraímos uma consequência lógica: defender direitos de determinado grupo que se integra, é algo plenamente lícito e legítimo, mas colocá-los acima do direito alheio é que torna a conduta condenável.

Em situações como esta é que surge o corporativismo, grande mal que aflige a atividade huma-



na nas corporações públicas e privadas em qualquer lugar do mundo. É verdadeiro veneno perigoso oculto sob um manto virtuoso.

Muitas pessoas tomam o corporativismo apenas por seu aspecto bom ou positivo. O “*sprit des corps*” decantado pelos grupos militares ou mesmo pelas corporações, sejam comerciais ou não.

Se levarmos em conta somente este viés, não há o que discordar. O problema surgiria quando este conceito passasse a provocar uma cisão entre os que fazem e os que não fazem parte do grupo, consubstanciada pela máxima: “*aos amigos tudo, aos inimigos nada, aos indiferentes a lei*”.

Portanto, é fácil perceber que, no atual estado de coisas, o corporativismo é como uma joia

rara, extremamente difícil de ser encontrada, separada da iniquidade ou mesmo do crime por uma linha tênue.

A espécie de corporativismo que tanto mal causa é muito mais comum. É aquela capaz de conduzir pessoas a comportamentos despidos de ética e moralidade, com o fim único de proteger objetivos de corporações e grupos.

É levando isto em conta, esta interpretação distorcida do conceito puro de corporativismo, que muitas corporações defendem suas ações, seus interesses e os de seus empregados, ainda que para tanto seja necessário descartar valores fundamentais inerentes à condição humana.

Os exemplos de aplicação deste veneno são fartos em nosso cotidiano, gerando inclusive repercussão e polêmica à nível nacional, uma vez que pela mídia, temos acesso a notícias diárias relacionadas ao corporativismo.

A ética pública está impaciente em relação ao Executivo, ao Legislativo e ao Judiciário e essa impaciência é poderosa e deverá ser fator importante nas próximas eleições. É preciso que a força política da ética sobreponha à força normativa da lei.

A ética pública está com pressa. Pressionou o Congresso Nacional para aprovar a Lei de Ficha Limpa e ao Supremo Tribunal Federal para convalidá-la. Apoia a Ministra Eliana Calmon em sua cruzada por uma administração judicial mais ética e transparente. Está impaciente com os resultados do foro privilegiado para políticos. Apoia exigência de contas aprovadas para candidatos.

A impaciência também atinge às instituições do estado democrático de direito responsáveis em controlar e punir, uma vez que não se constroem instituições legítimas e eficientes em ambiente de anemia ética, de perda de legitimidade institucional.

A ética na vida pública brasileira, lamentavelmente, permanece em um local de onde parece jamais ter forças para sair, em baixa, no fundo de uma escala de valores, talvez numa baixa nunca antes vista nesse país.

A *contrario sensu*, a desordem no Brasil nunca esteve tão em alta, e tão almejada pelo povo brasileiro. Quanto mais o ímpeto criminoso do agente público, maior o respeito que desperta junto à população brasileira, que não pensa em outra coisa senão um mecanismo de receber verba pública de alguma forma, para si, seus familiares e ami-

As próximas eleições vão trazer para os cargos uma nova leva de criminosos perigosos, aplaudidos pelo seu poder de manipular as massas, subjugar o Judiciário, driblar os controles, e obter vantagens para os que o apoiam.

Ética ou compromisso com a verdade é "coisa de primeiro mundo", não de brasileiro típico, portanto, não podemos nos esquecer daquela velha máxima "todo povo tem o governo que merece". O eleitor brasileiro, assim como seus representantes, tanto no Executivo, quanto no Legislativo, além dos indicados para os Tribunais Superiores do Judiciário e Tribunais de Contas, se merecem do ponto de vista imoral.

A plena liberdade de informação e a expansão da mídia tecnológica evidenciam que algumas instituições públicas estão sendo apropriadas por corporativismos, usando como seu algo que é da Nação.

A democracia é um regime que exige recíprocas legitimações. Devemos ao outro o mesmo respeito que temos por nós mesmos. Se devemos ter princípios éticos, e defendê-los, por que as autoridades públicas não fazem o mesmo?

Combater a anemia do poder público implica em restaurar o vigor de sua legitimidade. Este é, por

exemplo, um desafio do Judiciário, maior do que a disputa entre associações de Magistrados e o Conselho Nacional de Justiça, ou de Ministros do Supremo Tribunal Federal entre si.

Aplicar a força normativa da lei individualmente é necessário, mas insuficiente. A opinião pública está indignada com a falta de ética e de compromisso que se instalou na maioria dos membros dos três poderes, bem como com a falta de punições exemplares para servir de desestímulo àqueles que estiverem intencionados em desvirtuarem sua conduta.

O desafio é maior do que controlar individualmente. É mudar a cultura da sangria ética e do corporativismo maléfico. Rever leis, interpretações, práticas administrativas, processos decisórios. Reinventar a administração pública. Reconquistar a ética perdida não se sabe bem onde, como e quando.

João Batista Lopes - Juiz de
Direito Auxiliar Especial da
Comarca de São João Del Rei
João Ricardo dos Reis Lopes -
Bacharel em Direito

INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR
CORPORAÇÃO: Termo que vem do latim *corporis* e *actio*, significa corpo e ação. A corporação é entendida como um grupo de

peças que agem como se fossem um só corpo, uma só pessoa, objetivando ao alcance de objetivos comuns. Em um sentido lato, é um grupo de pessoas submetidas às mesmas regras ou estatutos. Neste sentido, é sinônimo de agremiação, associação ou ainda empresa. Nesta linha de raciocínio, é uma pessoa jurídica com personalidade própria que possui direitos similares a uma pessoa física, mas sem confundir com a natureza desta. É, por exemplo, o que pode acontecer com uma sociedade limitada, anônima, de economia mista, por quotas de responsabilidade limitada, uma agremiação religiosa, esportiva, uma organização profissional, classista, político-partidária, ou mesmo um Estado nacional. Em Portugal, as corporações recebem o nome de ORDENS.

Da corporação, é gerado o corporativismo, uma forma de conduta que permite às associações corporativas uma forte concentração de poder e de controle, facilmente perceptível em regimes ditatoriais, em algumas organizações religiosas, ou em empresas multinacionais.

O CORPORATIVISMO é um sistema de conduta criado na Itália Fascista. Nele, os cidadãos, devidamente enquadrados participam da vida política, social, religiosa e eco-

nômica. Caso contrário, estes colocam em risco a CORPORAÇÃO. São considerados como um "mal" e, em nome do bem estar social, devem sofrer as correções cabíveis. Aqui, vale o lembrete: - ("aos amigos tudo, aos inimigos nada, aos indiferentes a lei").

No chamado "mundo capitalista" de economia globalizada, o corporativismo, é muito interessante objetivando ao crescimento econômico. Por isso, as grandes corporações buscam se apropriar do Estado (organização política nacional, regional e local), colocando-o a serviço de seus interesses, através dos "APARELHOS IDEOLÓGICOS", presentes nos poderes legislativo, executivo e judiciário.

PARA REFLEXÃO:

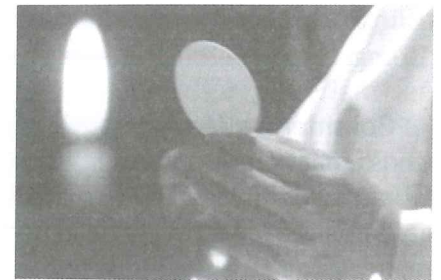
Tema nº 1: - O corporativismo no poder público. (Legislativo, executivo, judiciário). Manifestações, reflexos sócio-políticos e reprodução sobre os cidadãos e as famílias.

Tema nº 2: - O corporativismo nas corporações econômicas, (manifestações, reflexos nos sistemas sociais e reprodução sobre as pessoas e as famílias). -

Tema nº 3: - O corporativismo nas religiões, (manifestações, reflexos nos demais sistemas sociais e reprodução sobre as pessoas e famílias).

CORPUS CHRISTI: MOMENTO PARA REPENSAR O MISTÉRIO DA EUCARISTIA

José Lisboa Moreira de Oliveira



No dia 7 de junho, a Igreja Católica celebrou a solenidade de Corpus Christi. É o momento em que tal celebração deveria ser feita num momento para se refletir com toda seriedade possível sobre o mistério da Eucaristia. Deveríamos abandonar as pompas, ostentações e luxo para voltarmos para o silêncio contemplativo e reflexivo.

O primeiro momento deste processo reflexivo deveria ser um repensar a própria solenidade de Corpus Christi. Sabemos que esta surgiu no auge de uma violenta crise pela qual passava a Igreja Católica. A liturgia havia se sofisticado e se distanciado do povo. Era celebrada em latim, língua não mais falada pelas comunidades. Além de serem celebradas numa linguagem incompreensível, as liturgias eram pomposas, luxuosas, uma verdadeira afronta aos pobres. Tinham se tornado uma coisa para o clero, e o povo fora reduzido a mudo espectador. Neste contexto corria a simonia: a celebração dos sacramentos, especialmente da Eucaristia, dependia de muito di-

heiro. Assim, por exemplo, o preço da missa dependia do modo como o padre erguia a hóstia consagrada durante a anamnese, chamada de "consagração", e considerada o momento mais importante da missa. Quanto mais alta a elevação, mais cara era a missa.

Por essa e outras razões a liturgia ficou reduzida a mero devoционаlismo. As pessoas não mais participavam da Eucaristia e a tinham apenas como simples devoção. Iam às igrejas para adorar o Santíssimo Sacramento e não para participar da Ceia do Senhor. A situação ficou tão grave que a própria hierarquia determinou que se comungasse pelo menos uma vez por ano, durante o período da Páscoa. Foi neste contexto que o papa Urbano IV, em 1264, fixou a solenidade de Corpus Christi: uma festa para adorar pública e pomposamente a hóstia consagrada. Portanto, a festa de Corpus Christi, como veremos a

seguir, é um desvirtuamento radical do significado litúrgico do mistério do Corpo e do Sangue do Senhor. Ou, se preferirmos, uma traição do pedido do Mestre: "Tomai e comei, tomai e bebei".

Considero a festa de Corpus Christi, na forma como ainda é celebrada atualmente, um desvirtuamento litúrgico e uma traição do mandato de Cristo por várias razões. Antes de tudo porque Jesus não deixou dito que ele queria ser adorado pomposamente num ostensório luxuoso nas igrejas e pelas vias públicas de uma cidade. Colocar a Eucaristia, sacramento do simples e pobre pedaço de pão, num ostensório de ouro é, recordando São João Crisóstomo, ofender aquele que não tinha onde reclinar a cabeça.

Em segundo lugar porque o cerne da Eucaristia está não na adoração, mas na refeição, na comida, na ceia. Ou, se quisermos, o modo correto de adorar a Eucaristia é participar da ceia, é comer do pão e beber do cálice. De fato, Jesus não disse "tomem e adorem, mas tomem e comam, tomem e bebam". A adoração eucarística surgiu por meio do costume de se levar um pedaço do pão eucarístico para os doentes impedidos de participar da celebração litúrgica dominical. E como se acreditava que aquele pedaço de

pão era o sacramento do Corpo e Sangue de Cristo, enquanto ele não era levado e consumido pelo doente, era adorado como sacramento da real presença de Cristo no meio da comunidade cristã.

O hábito de consagrar hóstias apenas para trancá-las num "cofre dourado" e ser adorado pelas pessoas é um costume que nasce no contexto de crise antes mencionado, quando se havia perdido por completo a noção do mistério eucarístico. Portanto, é algo que destoa do significado da Eucaristia para a comunidade cristã. As normas para o culto à Eucaristia fora da missa, emanadas pelo próprio Vaticano, são muito claras a este respeito. Chegam inclusive a dizer que se deve evitar neste culto tudo aquilo que possa tirar da Eucaristia a sua natureza de alimento, de comida, de refeição. Por rigor de lógica as espécies eucarísticas, quando colocadas para a veneração dos fiéis, deveriam ser postas em pratos de comida e não em ostensórios luxuosos. Porém, as próprias autoridades eclesásticas são as primeiras a não obedecer aquilo que escrevem para os outros.

Em consonância com o que acabou de ser dito, a festa de Corpus Christi deveria ser uma oportunidade para uma profunda catequese sobre o que é, de fato, a Eucaristia. Infelizmente a crise antes mencio-

na levou a se pensar na Eucaristia como o sacramento da "carne" do homem histórico Jesus de Nazaré. Assim a concepção comum presente na mente de bispos, padres e fiéis é que os termos "carne", "corpo", "sangue" se refiram exclusivamente ao corpo biológico de Jesus. Eucaristia seria a transformação de algumas hóstias e de um pouco de vinho num amontoado de células e moléculas do corpo físico do Jesus histórico que viveu na Palestina há dois mil anos.

Porém, quando nos voltamos para os textos bíblicos não é essa a compreensão que temos. O termo "corpo" (em hebraico "basar" e em grego "soma") não significa apenas o aspecto biológico, mas a pessoa inteira na sua condição de temporalidade. Trata-se da pessoa e sua totalidade revelada em sua forma visível e em comunicação com os outros. Jesus, segundo Marcos (14,22-24), o mais antigo dos Evangelhos, ao dizer na última ceia "estín tò somá mon" ("isto é o meu corpo") e "éstín tò haîmá mon" ("isto é o meu sangue"), não está referindo apenas ao seu corpo biológico, às células do seu corpo físico, mas à totalidade da sua pessoa de Filho de Deus encarnado. E quando convida os discípulos a comerem do seu "corpo" e a beberem do seu "sangue" Jesus não está pensando num ritual antropofágico ou canibal, mas num

gesto de comunhão e de adesão plena à sua pessoa.

O biblista italiano Settimio Cipriani, que estudou profundamente esta questão, afirma que as palavras de Jesus poderiam ser traduzidas da seguinte maneira: "O que estou fazendo (partindo o pão e distribuindo-o) significa a oferta da minha pessoa por vocês". De fato, nas culturas antigas, especialmente na cultura judaica, o ato de comer e de comer juntos não tem apenas o significado biológico de ingerir substâncias para saciar a fome e manter-se vivo. Comer e comer juntos tem um significado simbólico, sacramental: significa que os comensais participam da mesma sorte, estão unidos pelo mesmo destino, estão em comunhão entre si. Assim sendo, a participação na Eucaristia, na Ceia do Senhor, é um gesto sacramental através do qual o cristão e a cristã manifestam a sua adesão total à pessoa de Jesus e se dispõem a participar da mesma sorte do Mestre. Portanto, reduzir a Eucaristia a um significado meramente biológico, a um pedaço da carne biológica de Cristo (como se tem feito em alguns casos de supostos milagres eucarísticos) é desvirtuá-la completamente do seu verdadeiro significado sacramental.

Isso pode ser confirmado pelo texto eucarístico do Evangelho de João (6,51-56). Mesmo não

narrando a instituição da Eucaristia, João apresenta Jesus convidando seus ouvintes a comerem a sua carne e a beberem o seu sangue. Sabemos que na Bíblia o termo "carne" (em hebraico "basar" e em grego "sárx") não significa apenas o elemento físico, biológico, mas a pessoa humana, na sua totalidade, existindo como ser frágil e mortal. É o ser humano total na sua condição de caducidade. Por sua vez o "sangue" (em hebraico "dam" e em grego "haîma") não significa apenas o líquido vermelho que escorre nas veias do ser humano, mas a sua vida, o seu existir pleno. O convite de Jesus feito a seus ouvintes significa um convite a entrar em plena sintonia com a sua pessoa e o seu projeto de vida. Participar da Eucaristia é aderir ao mistério do Filho de Deus que "se fez carne" (Jo 1,14), ou seja, que abriu mão da sua condição divina para viver entre nós como "simples homem" (Fl 2,7-8). Participar da Eucaristia não é participar de um rito antropofágico, no qual se come um pedaço da carne biológica do Jesus histórico, mas comungar da sua fragilidade, da sua fraqueza, da sua encarnação. Se entendêssemos isso causaríamos uma verdadeira revolução no cristianismo e contribuiríamos para o advento de uma nova humanidade.

Por fim, a festa de Corpus Christi deveria ser um momento para se pensar numa *solução definitiva* para

o problema daquelas milhares de comunidades cristãs espalhadas pelo mundo e que são privadas da celebração eucarística dominical, por falta de um ministro ordenado que a presida. Se a Eucaristia é o centro e o cerne da vida cristã, deixar uma comunidade sem celebração eucarística dominical é impedi-la de viver a sua verdadeira identidade. Soluções já existem como já tive oportunidade de mostrar, mas a hierarquia resiste e não quer adotá-las. Se a hierarquia não resolve, cabe às comunidades cristãs abandonadas encontrarem uma solução. E Tertuliano, um escritor cristão do final do II e início do III século, propôs uma solução muito simples. Mesmo reconhecendo que em circunstância normais cabe ao bispo e seu conselho presbiteral presidir a Eucaristia, Tertuliano afirmava: "Onde não há um colégio de ministros inseridos, tu, leigo, deves celebrar a Eucaristia e batizar; tu és, então, o teu próprio sacerdote, pois, onde dois ou três estão reunidos, aí está a Igreja, mesmo que os três sejam leigos".

José Lisboa Moreira de Oliveira é Filósofo. Doutor em teologia. Ex-assessor do Setor Vocações e Ministérios/CNBB. Ex-Presidente do Inst. de Past. Vocacional. É gestor e professor do Centro de Reflexão sobre Ética e Antropologia da Religião (CREAR) da Universidade Católica de Brasília [Autor de Antropologia da formação inicial do presbítero, pela Editora Loyola].



MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

**Atendimento aos assinantes,
assinaturas novas, renovações e números anteriores**

Distribuidora Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery
CEP: 36010-520 - Juiz de Fora - MG
Telefax: (32)3214-2952 de 13:00 as 16:30
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC, pedidos e encomendas para remessa postal **Livraria do MFC**

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery
CEP: 36010-520 - Juiz de Fora - MG
Telefax: (32)3214-2952 de 13:00 as 16:30
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Publicações disponíveis na Livraria MFC

Temários de Reuniões

Preto no branco
Um passo adiante

Fato e Razão

Números anteriores

Livros

Amor e Casamento
Descomplicando a Fé
Eis o MFC
Cuidado Frágil

Colaborações e cartas de leitores

Equipe de Redação de Fato e Razão

Saul de Gusmão 80 - VIII - CEP 22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: helioamorim@globocom